

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS DE PALMEIRA DAS MISSÕES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRONEGÓCIOS – PPGAGR

Vitor Inacio Hoelscher

**CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE SUINÍCOLA INDEPENDENTE
NO NOROESTE RIO – GRANDENSE**

Palmeira das Missões, RS
2018

Vitor Inacio Hoelscher

**CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE SUINÍCOLA INDEPENDENTE NO
NOROESTE RIO – GRANDENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agronegócios da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Agronegócios**

Orientadora: Prof^ª. Dr.^a Juliana Sarubbi

Palmeira das Missões/RS
2018

Vitor Inacio Hoelscher

**CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE SUINÍCOLA INDEPENDENTE NO
NOROESTE RIO – GRANDENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agronegócios da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Agronegócios**

Aprovado em 08, de Agosto de 2018:

**Juliana Sarubbi, Dra (UFSM)
Presidente/Orientadora**

**Luciana Fagundes Cristhofari, Dra (UFSM)
Coorientadora**

Rodrigo Borille, Dr (UFSM)

Marcelo Miele, Dr (EMBRAPA)

Palmeira da Missões, RS
2018

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento e concretização deste trabalho só foi possível graças ao apoio, cooperação e compreensão de várias pessoas.

Em especial quero agradecer a minha orientadora Juliana Sarubbi pelos ensinamentos repassados, pela paciência e pela dedicação nas suas orientações, também gostaria de agradecer pela amizade e companheirismo em todos os momentos.

Ao meu comitê de orientação que sempre me auxiliou e me orientou em todas as questões necessárias para o desenvolvimento deste trabalho.

A todas as pessoas que me auxiliaram na parte de desenvolvimento de pesquisa a campo, em especial gostaria de agradecer ao Srº Valdecir Folador presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul, ao Srº Evandro Mattei pelo auxílio na localização dos produtores, e a todos os produtores que me receberam com grande atenção e disponibilidade.

Aos meus pais Walter Edson Hoelscher e Maria Teresa Schneider Hoelscher que sempre me apoiaram em todos os aspectos e me serviram de inspiração.

Aos meus irmãos Rafael Henrique Hoelscher e Fernanda Hoelscher que mesmo distantes as vezes, sei que sempre estão me apoiando.

A minha namorada Noéli Talini Ledur, pelo apoio, carinho, paciência e parceria em momentos de dificuldade. Amo você!

Aos meus amigos Felipe Malheiros Magalhães, Bruno Ivan Stefanello Trentin, Rodrigo Pozer Centeno e em especial ao Rodrigo Borille, pela amizade e companheirismo onde fizeram com que este processo fosse mais divertido e gratificante quando se tem amigos por perto.

Enfim gostaria de agradecer a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Agronegócios pelas aulas ministradas e conhecimentos compartilhados.

E a Universidade Federal de Santa Maria- *Campus* Palmeira das Missões pela oportunidade de cursar uma pós-graduação gratuita e de qualidade

RESUMO

CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE SUINÍCOLA INDEPENDENTE NO NOROESTE RIO – GRANDENSE

AUTOR: Vitor Inacio Hoelscher
ORIENTADORA: Juliana Sarubbi

O presente trabalho foi desenvolvido com os objetivos de caracterizar a criação de suínos por produtores independentes, verificar as estratégias produtivas e de comercialização utilizadas por estes produtores, e evidenciar quais são as vantagens e desvantagens verificadas por estes produtores em desenvolver a suinocultura de modo independente na Mesorregião Noroeste Rio-grandense. As informações foram obtidas por meio de uma entrevista aplicada a 33 suinocultores localizados em 22 municípios pertencentes à Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, envolvendo variáveis que foram analisadas mediante estatística descritiva. Em relação à caracterização dos produtores verificou-se a existência de estruturas distintas, sendo possível dividi-los em três grupos aqui denominados de Mini integradores, Independentes Puros e Mini integrados, sendo estes formados por 36%, 36% e 9% respectivamente dos entrevistados. Foi possível constatar diferentes níveis de escolaridade dos produtores mini integradores e dos produtores independentes puros em relação aos mini integrados, sendo que majoritariamente os produtores destes grupos apresentaram ensino médio completo, já no grupo dos mini integrados o nível de escolaridade apresentado foi menor. Existem diferenças em relação a participação da suinocultura na formação da renda dos produtores, sendo os mini integradores e os mini integrados mais dependentes da atividade. Já em relação às características produtivas encontradas, mesmo havendo um alto nível de especialização na atividade, a produção de ciclo completo é a predominante nos produtores caracterizados como mini integradores e independentes puros. Com relação a análise das estratégias foi possível constatar diferenças em relação a utilização de contratos futuros pelos produtores, sendo os Mini Integradores os produtores que mais utilizam esta ferramenta, entretanto os Independentes puros e os Mini integrados são os produtores que menos utilizam contratos de fornecimento de matéria prima constantemente. As principais vantagens citadas pelos entrevistados são a liberdade e a possibilidade de obtenção de maiores lucros, por outro lado as crises do setor, a oscilação de preços e a volatilidade de mercado são os principais pontos negativos da atividade lembrados pelos produtores.

Palavras-chave: Rio Grande do Sul. Suinocultura. Produção Independente. Suínos.

ABSTRACT

INDEPENDENT SWINE BREEDING CHARACTERIZATION IN THE NORTHWESTERN MESOREGION OF RIO GRANDE DO SUL

**AUTHOR: Vitor Inacio Hoelscher
ADVISOR: Juliana Sarubbi**

The present study was developed with the aim to characterize swine breeding by independent producers, verify the production and marketing strategies used by these producers and highlight the advantages and disadvantages of these producers in developing independent swine breeding in the Northwestern Meso-region of Rio Grande do Sul. The information was obtained through an interview applied to 33 swine farmers located in 22 municipalities belonging to the Northwest Meso-region of Rio Grande do Sul involving variables which were analyzed through descriptive statistics. Considering the producers characterization, there were different structures, being possible to divide them into three groups here being called Mini Integrators, Independent Pure and Mini integrated, being formed by 36%, 36% and 9% respectively of the interviewed. It was possible to different levels of schooling of the mini integrators and the pure independent producers in relation to the mini integrated ones, the majority of the producers of these groups had completed high school, whereas in the mini integrated group the level of education presented was lower. There are differences regarding the participation of swine in the income of producers, with mini integrators and mini integrated companies more dependent on the activity. Concerning the productive characteristics which were found, even having high level of specialization in the activity, the production of complete cycle is predominant in the producers characterized as mini integrators and pure independent. Considering the analysis of the strategies, it was possible to verify differences in relation to the use of futures contracts by the producers, with Mini Integrators being the producers who most use this tool, however the Pure Independents and the Mini integrated are the producers who use less raw material supply contracts. The main advantages cited by the interviewed are the freedom and the possibility of obtaining greater profits. On the other hand the crisis on the sector, the oscillation of prices and the market volatility are the main negative points of the activity told by the producers.

Key words: Rio Grande do Sul. Swine breeding. Independent production. Swine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

- Figura 1 - A diversidade apresentada pela suinocultura industrial brasileira..... 13
Figura 2 - Quadro apresentando os diversos conceitos e suas derivações que constituem a suinocultura atualmente 15
Figura 3 - Representação da estrutura produtiva do suinocultor independente..... 18

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Figura 4 - Mapa destacando a mesorregião do noroeste rio-grandense. 22

ARTIGO 1

- Figura 1 - Distribuição dos produtores conforme o sistema de produção na mesorregião Noroeste Rio-Grandense 29
Figura 2 - Classificação das propriedades conforme o número de matrizes por grupo 32
Figura 3 - Sítios produtivos encontrados dentro de cada grupo 36

ARTIGO 2

- Gráfico 1 - Necessidade de subsidio financeiro na suinocultura independente. 44

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1

Tabela 1 - Atividades desenvolvidas pelos entrevistados e sua contribuição na formação da renda.....34

ARTIGO 2

Tabela 1 - Gestão de contratos e fornecimento de matéria prima para produção de suínos na produção independente.47

Tabela 2 -Estratégias citadas pelos suinocultores independentes que são utilizadas para manter os custos de produção de suínos baixos.49

Tabela 3 - Estratégias adotadas na venda dos animais.51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	12
2.1 A SUINOCULTURA INDUSTRIAL BRASILEIRA.....	12
2.2 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES RURAIS DO RIO GRANDE DO SUL E A GERAÇÃO DE RENDA ATRAVÉS DA SUINOCULTURA	16
2.3 A SUINOCULTURA INDEPENDENTE E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	17
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	21
3.2 LOCAL DA PESQUISA	21
3.3 COLETA DE DADOS	22
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	23
3.5 ASPECTOS ÉTICOS	23
4 ARTIGO 1 TIPOLOGIA DOS SUINOCULTORES INDEPENDENTES NA MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE.....	25
RESUMO	25
ABSTRACT	26
4.1 INTRODUÇÃO.....	26
4.2 MATERIAL E MÉTODOS.....	27
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	28
4.3.1 Perfil dos entrevistados.....	28
4.3.2 Divisão dos produtores	31
4.3.3 Formação da renda nas propriedade	33
4.4 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS	38
5 ARTIGO 2 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A MANUTENÇÃO DAS ATIVIDADES NA SUINOCULTURA INDEPENDENTE DA MESORREGIÃO NOROESTE RIO- GRANDENSE.....	40
RESUMO	40
ABSTRACT	41
5.1 INTRODUÇÃO.....	41

5.2 MATERIAL E MÉTODOS.....	42
5.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	43
5.3.1 Organização financeira da produção independente	44
5.3.2 Estruturas auxiliares a produção de suínos.....	46
5.3.3 Estratégias de obtenção de matéria prima para a produção de suínos.....	47
5.3.4 Estratégias produtivas e comerciais utilizadas na suinocultura independente	48
5.3.5 Vantagens e desvantagens de ser produtor independente de suínos.....	52
5.4 CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS	54
6 DISCUSSÃO	56
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	60

1 INTRODUÇÃO

Dentre as carnes mais consumidas mundialmente, a carne suína se encontra em primeiro lugar, seguida pela carne de peixe, frango e bovinos. Neste cenário, o Brasil é reconhecido no mercado internacional como um grande exportador de produtos de origem primária, obtendo um grande destaque para produtos de origem animal, se consolidando como o 4º maior exportador de carne suína desde o ano 2000, ficando atrás somente dos Estados Unidos, União Europeia e Canadá (USDA, 2016), segundo o Ministério da Agricultura, até 2020, a expectativa é que a produção nacional de carnes suprirá 44,5% do mercado mundial, sendo que a carne suína responsável por cerca de 14,2% da produção total (MAPA, 2016).

No estado do Rio Grande do Sul, segundo Poeta et al., (2014) uma em cada três propriedades rurais possui suínos, podendo ser para subsistência ou comercial, demonstrando a grande importância dessa criação no estado.

Atualmente na suinocultura comercial, é possível encontrar dois tipos de produtores inseridos na cadeia produtiva, são os produtores integrados/cooperados e os independentes. Os integrados/cooperados, recebem parte ou até, em alguns casos, todo o pacote tecnológico necessário para a produção por meio dos contratos de integração e, em contra partida, entram com as instalações e a mão de obra necessária para a produção, sendo remunerados através de índices produtivos que podem variar de uma agroindústria ou cooperativa para a outra.

Já os produtores independentes, por sua vez contam com uma organização diferente dos integrados/cooperados, podendo, em alguns casos, apresentar contratos com empresas que fornecem genética, nutrição ou até mesmo, contrato de fornecimento de sua produção para as agroindústrias. Entretanto, uma das grandes diferenças entre estes dois sistemas de produção, é que o produtor independente encontra-se mais vulnerável às oscilações de mercado, em comparação ao integrado. Por outro lado, apresenta maior poder de decisão em relação a sua produção, podendo obter lucros maiores em sua atividade.

A partir deste cenário, de existência de diferentes estruturas produtivas na cadeia suínica, e observando maior concentração de trabalhos em relação ao sistema de produção integrado, esta pesquisa tem por finalidade caracterizar a suinocultura independente na Mesorregião Noroeste Rio-grandense, especialmente no que tange à sua tipologia, organização e estratégias para a manutenção das atividades.

A realização deste estudo na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense se dá através da constatação que cerca de 56,0% das granjas comerciais integradas e 34,1% das granjas comerciais independentes, situam-se nesta região, seguida pela mesorregião Centro-Oriental

com 19,2% e 18,7%, respectivamente. Sendo a mesorregião noroeste a principal região produtora de suínos no estado, tanto de produtores integrados a empresas e cooperativas ou que atuam na cadeia de forma independente (POETA et al., 2014)

Reafirmando estes dados temos o Mapeamento da Suinocultura Brasileira publicado pela Associação Brasileira de Criadores de Suínos em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – ABCS e SEBRAE (2016), evidenciando que 59% do rebanho total de suínos do RS encontra-se na Mesorregião Noroeste, esta região também se destaca pela maior capacidade frigorífica instalada.

Segundo Trennepohl e Nagel (2012), a suinocultura contribui para a intensificação da densidade econômica da região através da geração de montantes significativos de valor bruto em pequenas propriedades sem a necessidade de deslocar outras atividades agropecuárias existentes. A cadeia produtiva da suinocultura possibilita também, segundo os autores, o desenvolvimento de atividades subsidiárias e complementares, muitas delas já existentes na região, como a produção de grãos e a fabricação de rações, além de abatedouros e frigoríficos, necessários para o processamento e comercialização da produção de suínos da região.

Portanto, o estudo com produtores independentes se faz importante, pois através da literatura consultada e por meio de informações coletadas com agentes pertencentes a cadeia, pode ser observada a diminuição desta estrutura produtiva de suínos nos últimos anos no Rio Grande do Sul, fato este que possivelmente possa ser explicado pelo crescimento das grandes empresas integradoras na região ou pelo simples fato destes produtores não serem mais capazes de se manter na atividade de modo independente.

2 ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

2.1 A SUINOCULTURA INDUSTRIAL BRASILEIRA

A suinocultura é um importante setor da pecuária brasileira, apresentando ótimos índices econômicos no cenário mundial, isto se dá devido a avanços tecnológicos e organizacionais, no que diz respeito a reprodução, nutrição, sanidade, genética, aumentando assim, os índices produtivos (COELHO et al., 2011), o fato de mais de 70% da produção suínica ser destinada ao processamento industrial gera um efeito multiplicador em outros setores da economia, com forte reflexo no meio urbano (TALAMINI et al., 2005).

Nos estados do sul, cerca de 60% das granjas de matrizes possuem até 500 reprodutoras, com aproximadamente 81% da produção integrada ou cooperada. Esta região brasileira concentra 96% das granjas de terminação, 95% dos crechários e 56% das granjas de wean to finish (Sistema no qual os leitões já desmamados são alocados em um galpão e permanecem até o abate) sendo estas vinculadas a agroindústrias ou cooperativas. Entretanto, é a região Sudeste do Brasil que apresenta prevalência de produção de suínos de modo independente e em ciclo completo, cerca de 77% da produção total (ABCS e SEBRAE, 2016).

A suinocultura brasileira apresenta uma diversidade no modelo estrutural de produção, de acordo com as características de cada região a qual está inserida. (Figura 1), onde a região Sul que compreende os estados do RS, SC e PR apresentam 13%, 15% e 25% dos produtores de modo independente respectivamente, entretanto, quando analisamos os produtores das regiões Sudeste e Centro-Oeste encontramos que 77% em média da produção de suínos é oriunda da atividade independente.

Figura 1 - A diversidade apresentada pela suinocultura industrial brasileira.

	RS	SC	PR	GO	MT	MG	SP
Total de matrizes	314 MIL	400 MIL	265 MIL	83 MIL	106 MIL	245 MIL	82 MIL
Integrados	87%	85%	75%	62%	40%	21%	0%
Independentes	13%	15%	25%	38%	60%	79%	100%
Até 500 matrizes	60%	50%	45%	8%	69%	63%	15%
De 501 a 1000 matrizes	20%	35%	50%	10%	5%	7%	39%
Acima de 1000 matrizes	20%	15%	5%	82%	26%	2%	46%

Fonte: ABCS,2015

Através destes dados apresentados é possível verificar as diferenças nas estruturas de produção na suinocultura nacional, possibilitando assim o desenvolvimento de vários estudos na área.

Segundo Miele e Machado (2010), 58% dos suinocultores do Brasil são produtores familiares, podendo pertencer à categoria de subsistência ou a industrial, tendo em vista que a suinocultura industrial apresenta uma cadeia produtiva moderna, igualável a dos países desenvolvidos, estes produtores geralmente são gerenciados por agroindústrias processadoras de carne, enquanto que a suinocultura de subsistência é menos expressiva, porém não menos importante, pois é bastante representativa e significativa para a população que a produz.

Ao analisar características estruturais dos estabelecimentos agropecuários produtores de suínos nas regiões Sul e Centro – Oeste, a partir de dados do Censo Agropecuário 2006 do IBGE, Miele et al., (2014), evidenciou que a suinocultura pode apresentar diferenças tanto regionais quanto de uma propriedade em relação a outra dentro de uma mesma região, sendo possível encontrar 89 diferentes tipos de suinocultores nas regiões de estudo, reforçando a ideia de heterogeneidade da suinocultura industrial, contudo quando analisado os produtores que concentravam a maior parte dos estabelecimentos e do rebanho, obtiveram destaque os produtores familiares especializados e os produtores com empregados especializados, com predominância de unidades de terminação e produção de leitões de forma integrada, já em menor medida, foi observado a produção em ciclo completo e a produção de leitões de forma independente.

A agricultura familiar da região Sul apresenta-se como um fator importante para o sucesso da cadeia produtiva de suínos. Segundo o Censo Agropecuário realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006) a agricultura familiar é responsável por cerca de 90%, 89% e 85% dos estabelecimentos produtores de suínos nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, respectivamente, sejam eles de subsistência ou comerciais. No RS, 70,3% dos suínos produzidos no estado foi proveniente da agricultura familiar.

O termo agricultura familiar no Brasil ainda não apresenta um consenso entre os autores entretanto para a definição deste conceito tem-se Lei Federal nº 11.326 de 24 de julho de 2006 que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.

Em seu 3º artigo, a referida lei considera agricultor familiar aquele que pratica atividades no meio rural, que deve atender todos os seguintes requisitos: não deter, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; utilizar predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; ter renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; dirigir seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL,2006).

Segundo Poeta et al., (2014), a região Noroeste do RS é responsável por cerca da metade da produção estadual de carne suína, dos abates de animais, dos rebanhos e do alojamento de matrizes. Por se constituir na região mais tradicional e sede das empresas líderes, a região tem mais de 80% dos estabelecimentos suínocolas tecnificados, sendo que nesta região é onde existe a maior proporção de animais em todas as categorias, este efeito pode ser decorrente da grande quantidade de indústrias e cooperativas integradoras e processadoras de suínos, além da disponibilidade de matérias primas para a produção de rações.

Para Miele e Waquil (2007), a suinocultura industrial é composta por atores chamados de produtores tecnificados, que se utilizam de um conjunto de incorporações tecnológicas em genética, nutrição e sanidade e demais ferramentas de produção, sendo que estes suinocultores realizam suas transações baseados em contratos ou não, mas sempre amparados em aspectos cooperativos e em programas de fomento pecuário, deste modo, a suinocultura industrial integrada, em tese, não ocorre apenas através de contratos, mas inclusive através de acordos tácitos, sendo que a suinocultura industrial traz no seu contexto três modos que fazem parte do ponto de vista teórico da categoria de coordenação externa e baseada em acordos tácitos destacando-se: As transações no mercado *spot* entre agroindústrias, terceiros e mini integradores, transações sem contrato mas amparadas pelo cooperativismo e programas de

fomento pecuário, também se enquadram os suinocultores que têm contrato apenas com empresas de genética e nutrição.

Por fim, os autores conceituam a suinocultura de subsistência como um conjunto de produtores não tecnificados que não incorporaram os avanços tecnológicos e possuem limitações de escala, capital e mão-de-obra. Estes possuem uma produção de suínos destinada ao autoconsumo ou utilizam de forma marginal os principais canais de processamento e distribuição. Contudo, estes também fazem parte do grupo conceituado como independentes, estes conceitos podem ser evidenciados na Figura 2.

Figura 2 - Quadro apresentando os diversos conceitos e suas derivações que constituem a suinocultura atualmente.

Terminologia utilizada pelos agentes da cadeia produtiva		Terminologia teórica	
suinocultura de subsistência	autoconsumo	teoria utilizada não aborda esse tema	
	acesso marginal a mercados e canais de distribuição	mercado <i>spot</i> (coordenação externa)	
suinocultura industrial	independente	terceiros e mini-integradores	acordos tácitos (formas híbridas)
		sem contrato, mas inserido em programa de fomento (empresas, cooperativas e mini-integração)	
	integração	contrato de genética e nutrição	contratos (formas híbridas)
		contrato de compra e venda	
		contrato de parceria	
		contrato de comodato	
	independente	iniciativas associativas	alianças estratégicas (formas híbridas)
próprio suinocultor abate e processa suínos (empresas ou cooperativas)		integração vertical (coordenação interna ou hierarquia)	
produção própria de suínos pela agroindústria (geralmente genética)			

Fonte: Miele e Waquil (2007)

2.2 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES RURAIS DO RIO GRANDE DO SUL E A GERAÇÃO DE RENDA ATRAVÉS DA SUINOCULTURA

Segundo o Censo Agropecuário divulgado em 2006 no Rio Grande do Sul ocorre a predominância de propriedades de caráter familiar, sendo esta categoria responsável por 85,7% das propriedades existentes. As propriedades rurais do estado têm em média 45,7 hectares, sendo que 91,5% têm menos de 100 hectares, sendo o RS o terceiro estado brasileiro com maior número de pessoas ocupadas na agricultura familiar. Em 2006 eram mais de 991.000 pessoas, o que representava 9,4% da população total estimada e 17,3% do total da população estadual ocupada naquele ano.

Mantelli (2006) considera que as propriedades na região Noroeste do Rio Grande do Sul, podem ser enquadradas em relação a sua área da seguinte forma:

- a) Pequenas propriedades, com área inferior a 50 hectares;
- b) Médias propriedades, que abrangem entre 50 e 100 hectares;
- c) Grandes propriedades, com área superior a 100 hectares.

Ainda segundo a autora o elevado número de estabelecimentos existentes nesta região participam de uma forma intensa, em relação à parcela relativamente pequena de área, dentro do contexto estadual o que a caracteriza como uma área típica de pequenas propriedades, ao contrário do restante do Estado que se destaca, principalmente na porção sul, pela existência de grandes propriedades, dedicadas às pastagens e às lavouras de caráter comercial.

A manutenção da atividade suinícola na propriedade familiar e a sua expansão para fronteiras agrícolas são importantes, pois permitem o desenvolvimento do ‘rural’ brasileiro em aspectos econômicos e sociais, apresentando correlação positiva entre as regiões produtoras de suínos e aves e o índice Firjan¹ de desenvolvimento das mesmas (SANTOS FILHO et al., 2015).

Trennepohl e Nagel (2012) buscaram identificar a capacidade de geração direta e indireta de emprego e renda das atividades existentes na região noroeste, tendo um enfoque especial naquelas atividades que apresentam uma cadeia produtiva mais expressiva na região, os autores destacam a importância das cadeias da soja, do trigo, da pecuária leiteira, da suinocultura e da avicultura, sendo que nas últimas duas atividades, pode existir a formalização

¹ Índice elaborado anualmente e acompanha o desenvolvimento socioeconômico de todos os municípios brasileiros, analisando três áreas de atuação, sendo elas: emprego e renda, educação e saúde. Foi criado no ano de 2008, e é composto, exclusivamente, a partir de bases estatísticas oficiais, disponibilizadas pelos ministérios do trabalho, educação e saúde (FIRJAN, 2016).

das relações de produção e comercialização da produção através de contratos de integração, onde são definidos os procedimentos e as responsabilidades das partes envolvidas

Os mesmos autores ainda destacam que na medida em que a suinocultura está presente na economia regional, desde o processo de colonização, participou de forma direta na dieta da população e forneceu a banha como mercadoria utilizada na obtenção de renda monetária para o pagamento dos lotes pelos colonos.

De acordo com Miranda (2005) a suinocultura representa para os agricultores familiares da região Oeste Catarinense uma atividade extremamente importante, uma vez que, além de agregar valor aos grãos produzidos na propriedade, permitiu uma ocupação mais intensa da mão-de-obra familiar e um fluxo de recursos mais estável para as famílias, região esta que apresenta grande semelhança com a região foco deste estudo

Segundo Lanfredi (2014), a atividade suinícola é uma das principais atividades desenvolvidas nas propriedades familiares e também se encontra como atividade de suma importância para a economia do Brasil, pois quando bem gerenciada, pode gerar rentabilidade satisfatória para o setor.

2.3 A SUINOCULTURA INDEPENDENTE E SUAS CARACTERÍSTICAS

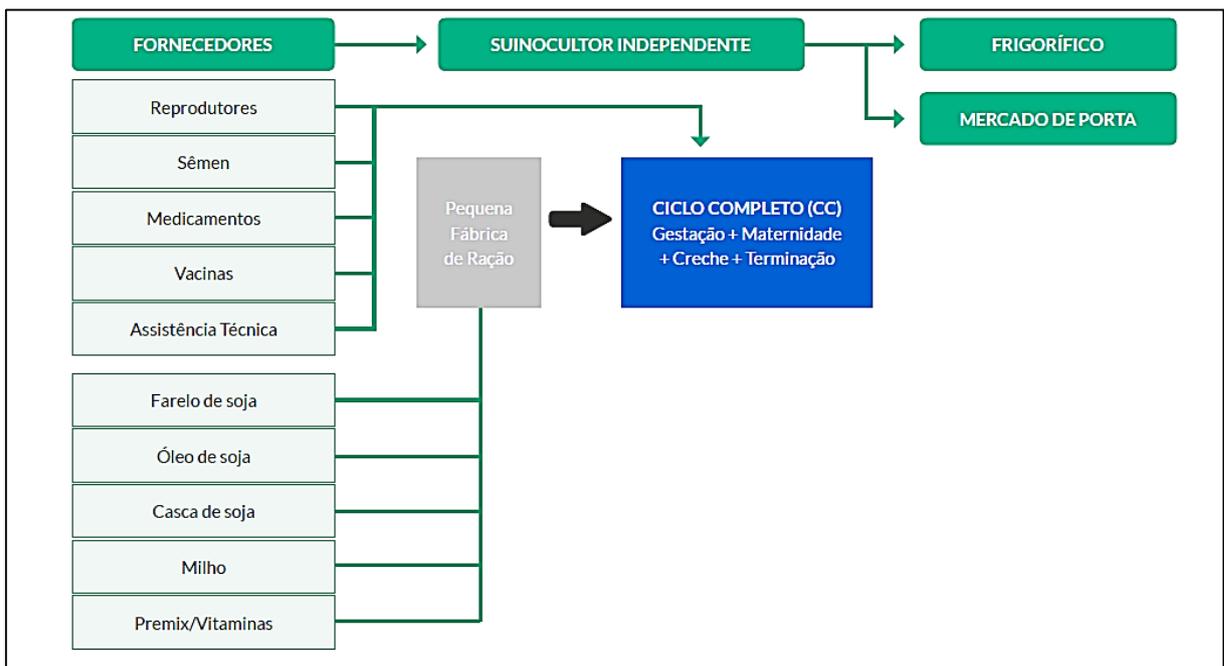
Sendo o primeiro modelo de produção de suínos utilizado no Brasil, a suinocultura independente conta com produtores rurais tradicionais, ou seja, que estão a mais tempo na atividade, este tipo de produção tem por característica a possibilidade de negociar e transacionar com diversos compradores e fornecedores, sem a intromissão da agroindústria no processo produtivo (MIELE, 2013).

Estes produtores são responsáveis pela compra dos insumos necessários para a sua produção e também por sua comercialização, juntamente com frigoríficos ou agroindústria. Entretanto não apresentam vínculos contratuais formais, sendo a receita do produtor ligada intimamente ao preço do quilo do suíno praticado no mercado no momento da comercialização. Os produtores são, portanto, proprietários dos ativos produtivos, razão esta que justifica o predomínio de contratos simples de compra e venda entre os agentes.

Os suinocultores independentes, por serem proprietários de todos os fatores produtivos, normalmente possuem um faturamento mais alto uma vez que as despesas de todos os insumos compõem seu custo de produção e, evidentemente, almeja vender sua produção por um preço superior ao custo para obter lucro na atividade.

Este modelo produtivo se faz presente em praticamente todos os Estados brasileiros, apresentando diferentes escalas de produção. Este modelo é composto em sua maioria por produtores de ciclo completo, que desenvolvem todas as etapas do manejo reprodutivo das matrizes, até as fases de terminação dos cevados para posterior abate (Figura 3).

Figura 3 - Representação da estrutura produtiva do suinocultor independente.



Fonte: ABCS e SEBRAE (2016).

Diferentemente da suinocultura independente, na suinocultura integrada ou cooperada, a agroindústria ou cooperativa é a proprietária de grande parte dos fatores produtivos, como por exemplo, dos reprodutores, dos animais para engorda, das rações e medicamentos. Logo, o faturamento do produtor é consideravelmente mais baixo, pois este se dá basicamente do pagamento pelo uso do capital empregado em instalações e equipamentos, mão de obra, energia e a parte que lhe cabe da produção.

Em termos de valor absoluto, os custos e a receita bruta de um suinocultor integrado com contratos de parceria ou comodato correspondem a aproximadamente 15% daqueles do suinocultor independente ou dos contratos de compra e venda, enquanto a ração é o principal item de custo dos suinocultores independentes que atuam no mercado *spot* (de 59% a 70% dos custos totais), entre os integrados com contratos de produção prevalecem os custos de capital,

depreciação e mão de obra que podem chegar a corresponder por cerca de 74% dos custos totais (MIELE,2013).

Segundo (ABCS e SEBRAE 2016) é na região Sudeste do país que se concentra o maior contingente de produtores independentes de suínos, apresentando sistema de produção de ciclo completo com cerca de 70% da produção de forma independente, estes que por sua vez transacionam majoritariamente no mercado “*spot*”. Sendo que as bolsas de Minas Gerais e de São Paulo são as grandes referências para este mercado e para o restante do País, o tamanho médio das granjas na região Sudeste (758 matrizes) é maior que nas granjas da região Sul (456 matrizes), entretanto 60% das granjas encontradas nessa região apresentam menos de 500 matrizes.

Apesar de não ser uma suinocultura com grandes volumes de contratos de integração ou cooperação, totalizando apenas 1,7% das granjas de terminação do Brasil, os produtores independentes dos Estados da região Sudeste acompanharam a evolução da atividade e se atualizaram, acompanhando o comportamento do restante da cadeia e do mercado. (ABCS e SEBRAE, 2016)

Rocha et al., (2006) ao avaliar a competitividade entre os sistemas integrado e independente de produção de suínos dos estados de Minas Gerais e Santa Catarina, observou que o sistema de produção integrado de Santa Catarina apresentou maior eficiência interna, alavancada por seu menor custo de produção, entretanto, quando considerada a eficiência global do sistema, expressa pelas medidas de resultado econômico das granjas, o sistema independente do Vale do Piranga (MG) foi superior, devido, principalmente, à maior eficiência na comercialização do produto no mercado, fruto da estrutura organizacional da cadeia em que estes produtores estão inseridos possibilitando assim obterem valores significativamente maiores pelo suíno terminado.

Da mesma forma, segundo os autores, as granjas suinícolas componentes do sistema de produção independente foram mais competitivas, ao nível de produtor rural, que as granjas do sistema integrado, tomando como base a probabilidade de obtenção de resultados econômico positivos e retornos máximos passíveis de ocorrência, refletindo a eficiência do sistema na condução de todo o processo produtivo, traduzindo-se na sua maior sustentabilidade no longo prazo.

Os autores ainda citam que a falta de capital para investimento e o maior risco da atividade devido às oscilações do mercado de insumos e do produto são os pontos citados, pelos suinocultores, como negativos em relação ao sistema de produção independente. Em contrapartida, a liberdade de atuação no mercado, tanto na compra de insumos quanto na venda

do produto final, associada à maior possibilidade de obtenção de ganhos e crescimento na atividade são os principais pontos positivos mencionados. Percebe-se também uma visão negativa da integração por parte de alguns produtores independentes, principalmente pela falta de perspectivas de crescimento e ganhos na atividade através desse sistema, segundo os entrevistados no estudo.

Rocha et al., (2007) analisando o risco de sistemas de produção de suínos, integrado e independente, em períodos de alta e baixa rentabilidade, focado em um estudo multicase envolvendo produtores de suínos independentes do Vale do Piranga (MG) e integrados do estado de Santa Catarina, indicaram a possibilidade de perdas mais elevadas, durante os períodos de crise, nas granjas do sistema de produção independente frente às granjas do sistema integrado analisado. Entretanto, quando a atividade encontrava-se em alta, os produtores independentes apresentaram desempenho econômico superiores aos produtores integrados com ganhos médios superiores às perdas ocorridas no período de baixa analisado, resultado não alcançado pelas granjas suinícolas do sistema integrado.

Heissler (2016), ao analisar o poder de compra de suinocultores integrados e independentes do RS observou que, levando em conta o preço pago pelo quilo de suíno e o preço pago por quilo de ração, o produtor independente possui maior poder de compra comparado ao produtor integrado, porém este último é menos afetado pela variabilidade do preço pago por quilo de suíno.

Rohenkohl (2007) cita que é inegável o benefício mútuo para produtores e agroindústrias proporcionado pelos contratos de integração no que diz respeito à repartição do risco. Em contrapartida, o autor ressalta o alto nível de dependência do suinocultor para com a agroindústria. Esta dependência se dá através das mudanças nas especificações técnicas de produção, através maiores exigências financeiras em instalações modernas e insumos sofisticados e pelo aumento na escala de produção, que ultrapassa a demanda do mercado livre local.

Segundo Miele (2013) em contratos de integração ou cooperação, o produtor integrado perde o controle sobre o planejamento e gestão da produção, tornando-se um prestador de serviços de reprodução e engorda. Além disso, inúmeras críticas têm sido feitas aos contratos e às práticas das agroindústrias, são críticas em relação a: falta de transparência; fórmulas de pagamento inadequadas; falhas logísticas; problemas de qualidade da ração e da genética; exigências contínuas de novos investimentos; inexistência de fóruns de negociação e instâncias de mediação; e transferência ao produtor da responsabilidade pelo manejo dos dejetos.

Essas críticas apresentadas pelo autor, vão ao encontro com as colocações dos produtores entrevistados por Rocha et al., (2006) e Rocha et al., (2007) onde os produtores citam pontos negativos da integração e, assim, justificam a sua permanência na atividade de forma independente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para a realização deste estudo foi utilizado o modelo de pesquisa qualitativa sendo dividido em dois períodos: o primeiro consiste na realização de pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto e em seguida buscou-se informações a campo, onde foram utilizadas ferramentas de coletas de dados do tipo questionário

Este procedimento foi realizado a fim de identificar as estratégias utilizadas pelos suinocultores independentes do Noroeste Rio-Grandense para a manutenção de suas atividades produtivas, bem como caracterizar a atividade e os produtores entrevistados e descrever o perfil dos mesmos. Tendo como propósito final propor a criação de tipologia conforme as características produtivas e estratégias apresentadas.

Segundo Fonseca (2002) a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além de pesquisa bibliográfica e/ou documental, o pesquisador ainda realiza coleta de dados junto com pessoas, com uso de recursos de diferentes tipos de pesquisa.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada entre Novembro de 2017 a Março de 2018 na Mesorregião Noroeste Rio-grandense no estado do Rio Grande do Sul em 22 municípios, sendo eles: Barra do Guarita, Boa Vista do Buricá, Camargo, Candido Godói, Casca, Constantina, Humaitá, Ibirubá, Nova Boa Vista, Pinhal, Rodeio Bonito, Rondinha, Roque Gonzales, São Pedro do Butiá, Santa Rosa, Santo Ângelo, Santo Cristo, Sarandi, Seberi, Três de Maio, Tucunduva, Vista Gaúcha representando 8 microrregiões, sendo alcançado um total de 33 produtores de suínos que se auto declararam independentes em sua atividade.

Estes 22 municípios são divididos entre 8 microrregiões diferentes que por sua vez abrangem uma área de 45.953,29 km², segundo IBGE (2017). Portanto, geograficamente, foram estudados 71 % da área da Mesorregião Noroeste Rio-grandense. (Figura 5).

Estes produtores independentes foram localizados através de informantes qualificados como a Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS, por meio de empresas do setor e a através de conversas com os próprios produtores.

Figura 4 - Mapa destacando a mesorregião do noroeste rio-grandense.



Fonte: FEE Dados, 2017, adaptado pelo autor.

3.3 COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados através da aplicação de entrevista semiestruturado com perguntas abertas e fechadas aos produtores, afim de obter um diálogo mais aberto e franco com o entrevistado, buscando assim retratar fielmente a realidade por eles vivida em sua atividade produtiva. A entrevista abordou questões estruturais, produtivas e comerciais. Esta técnica é utilizada para coleta de dados não documentados sobre determinado tema. Conforme Gerhardt et al., (2009) sendo apresentada como uma forma de interação social entre pesquisador e entrevistado, onde uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação.

A entrevista foi constituída por uma série ordenada de perguntas que foram feitas pelo entrevistador com base no roteiro pré estipulado, onde o entrevistado respondia os questionamentos e o entrevistador realizava a transcrição, sendo que tiveram por finalidade caracterizar os produtores e sua atividade e também auxiliar no enquadramento dos mesmo para o desenvolvimento de uma tipologia no setor, tendo papel fundamental na obtenção de respostas qualitativas, possibilitando assim compreender alguns aspectos importantes inerentes a atividade suinícola independente.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados da pesquisa foram tabulados e os produtores enquadrados em três diferentes grupos, a fim de caracterizar a sua produção, verificar as estratégias adotadas pelos produtores, e assim criar uma tipologia da produção independente na região de estudo.

Estes grupos foram determinados a partir do momento que os entrevistados começaram a apresentar características similares de produção e comercialização, sendo possível assim um melhor entendimento do cenário apresentado.

Em um primeiro momento, a fim de caracterizar a produção suinícola independente na mesorregião noroeste rio-grandense, os produtores foram analisados sob vários aspectos como, por exemplo: o sistema de criação adotado, a escala de produção da propriedade, a estrutura apresentada que está diretamente ligada a produção suinícola, pela existência ou não de estruturas auxiliares a produção (fábrica de rações, transporte de animais, cultivo de matérias primas na propriedade).

Para auxiliar na caracterização do cenário produtivo também foi verificado o grau de dependência do produtor em relação à suinocultura na formação de sua renda ou se o produtor opta pela diversificação da propriedade com outros sistemas produtivos.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

Este projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos – CEP, sob registro CAAE: 78338617.1.0000.5346 e executado de acordo com Brasil (2012) que dispõe sobre a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466 de 12 de Dezembro de 2012, sendo que os participantes tiveram livre escolha de participar ou não da pesquisa. Os participantes tiveram assegurados o seu direito de anonimato, sendo que os resultados obtidos

serão somente utilizados com objetivo científico e poderão ser divulgados somente em eventos ou publicações.

4 ARTIGO 1 TIPOLOGIA DOS SUINOCULTORES INDEPENDENTES NA MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE

RESUMO

TIPOLOGIA DOS SUINOCULTORES INDEPENDENTES NA MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE

AUTOR: Vitor Inacio Hoelscher
ORIENTADORA: Juliana Sarubbi

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de caracterizar a criação de suínos por produtores independentes, praticada na Mesorregião Noroeste Rio-grandense. As informações foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas aplicada a 33 suinocultores localizados em 22 municípios pertencentes à Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, envolvendo variáveis que foram analisadas mediante estatística descritiva. Verificou-se a existência de estruturas distintas de produtores, sendo possível dividi-los em três grupos aqui denominados de Mini integradores, Independentes Puros e Mini integrados, sendo estes formados por 36%, 36% e 9% respectivamente dos entrevistados. Foi possível constatar importante diferença no nível de escolaridade dos produtores mini integradores e dos produtores independentes puros em relação aos mini integrados, sendo que majoritariamente estes produtores apresentaram ensino médio completo, já no grupo dos mini integrados o nível de escolaridade encontrado foi menor. Houve diferenças em relação a participação da suinocultura na formação da renda dos produtores, sendo os mini integradores e os mini integrados mais dependentes da atividade. Já em relação às características produtivas encontradas, mesmo havendo um alto nível de especialização na atividade, a produção de ciclo completo é a predominante nos produtores caracterizados como mini integradores e independentes puros.

Palavras-chave: Suinocultura; Produção Independente.

ABSTRACT

INDEPENDENT SWINE BREEDERS TYPOLOGY IN THE NORTHWESTERN MESOREGION OF RIO GRANDE DO SUL

AUTHOR: Vitor Inacio Hoelscher
ADVISOR: Juliana Sarubbi

The present study was developed with the aim to characterize swine breeding by independent producers, practiced in Northwest Meso-region of Rio Grande do Sul. The information was obtained through a semistructured interview applied to 33 swine farmers located in 22 municipalities belonging to the Northwest Meso-region of Rio Grande do Sul involving variables which were analyzed through descriptive statistics. Considering the producers characterization, there were different structures, being possible to divide them into three groups here being called Mini Integrators, Independent Pure and Mini integrated, being formed by 36%, 36% and 9% respectively of the interviewed. It was possible to verify a meaningful difference in the education level of the mini integrators and the pure independent producers in relation to the mini integrated ones, the majority of the producers of these groups had completed high school, whereas in the mini integrated group the level of education presented was lower. There were differences regarding the participation of swine in the income of producers, with mini integrators and mini integrated companies more dependent on the activity. Concerning the productive characteristics which were found, even having high level of specialization in the activity, the production of complete cycle is predominant in the producers characterized as mini integrators and pure independent.

Key words: Swine Breeding, Independent Production.

4.1 INTRODUÇÃO

A produção de suínos vem crescendo gradativamente ao longo das últimas décadas, em âmbito nacional e internacional, apresentando-se como uma alternativa relevante de geração de emprego e renda para os agricultores.

Segundo Trennepohl e Nagel (2012), a suinocultura contribui para a intensificação da densidade econômica da região através da geração de montantes significativos de valor bruto em pequenas propriedades sem a necessidade de deslocar outras atividades agropecuárias existentes, possibilitando também, o desenvolvimento de atividades subsidiárias e complementares, muitas delas já existentes na região, como a produção de grãos, a fabricação de rações, além de abatedouros e frigoríficos, necessários para o processamento e comercialização da produção de suínos da região.

Segundo o SEBRAE e a ABCS (2016), a suinocultura é uma atividade competitiva, colocando o Brasil entre os quatro maiores países produtores e exportadores de carne suína do mundo, sendo a carne suína responsável por quase 38% do total de carnes produzidas no mundo

em 2015, representando a maior oferta de proteína animal para consumo humano, seguido da carne de frango (35%), e da carne bovina com 21%.

Entre 2011 e 2016 o volume de carne suína produzida no Rio Grande do Sul cresceu 23% (maior avanço entre os estados do Sul), passando de 602 mil toneladas para 738,3 mil toneladas. Isso leva a suinocultura gaúcha a responder por 20% da produção nacional, com um total de 430.416 matrizes, sendo esta produção concentrada majoritariamente (59%) na região noroeste do estado (SEBRAE E ABCS, 2016).

Portanto, a realização deste estudo na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense se dá em razão da constatação de que cerca de 56,0% das granjas comerciais integradas e 34,1% das granjas comerciais independentes do RS situam-se nesta região, sendo a principal mesorregião produtora de suínos no estado, tanto de produtores integrados a empresas e cooperativas ou que atuam na cadeia de forma independente (POETA et al., 2014).

Até a década de 1990, o ciclo completo era o principal sistema de produção de suínos para abate. A partir daquela década, observou-se uma mudança organizacional, principalmente na região sul do Brasil e hoje o predomínio é de produtores atuando de forma cooperada ou integrada 82%, especializados em determinada fase da produção (PEREIRA, 2018).

Sendo assim, a partir da observação deste cenário de queda no número de produtores independentes de suínos esta pesquisa tem por finalidade propor a criação de tipologias e caracterizar cada uma destas tipologias criadas dos produtores que não estão inseridos no modelo industrial tradicional na mesorregião noroeste do estado.

4.2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada entre Novembro de 2017 a Março de 2018. A área de estudo incluiu 22 municípios pertencentes à Mesorregião Noroeste Rio-grandense no estado do Rio Grande do Sul, de acordo com a classificação proposta pelo IBGE (2017), foram visitados 33 produtores distribuídos nos seguintes municípios: Barra do Guarita, Boa Vista do Buricá, Camargo, Candido Godói, Casca, Constantina, Humaitá, Ibirubá, Nova Boa Vista, Pinhal, Rodeio Bonito, Rondinha, Roque Gonzales, São Pedro do Butiá, Santa Rosa Santo Ângelo, Santo Cristo, Sarandi, Seberi, Três de Maio, Tucunduva, Vista Gaúcha representando 8 microrregiões segundo IBGE (2017), que, por sua vez, abrangem uma área de 45.953,29 km². Portanto, geograficamente, foram estudados 71 % da área da Mesorregião Noroeste Rio-grandense.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com questões abertas e fechadas, que abordaram diversas informações como: aspectos pessoais, o tipo de produção desenvolvida, a importância da atividade na geração de renda das propriedades, a existência estruturas auxiliares de produção (fábrica de rações, silos para estocagem, transporte de animais e de ração) e aspectos ligados a comercialização dos animais. Sendo que para classificação dos produtores o principal fator analisado foram os canais de comercialização por eles utilizados.

Estes produtores independentes foram localizados por meio de informantes qualificados como a Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS, empresas do setor e por indicação dos próprios produtores.

Os dados obtidos através da pesquisa foram tabulados no Excel e analisados qualitativamente por meio de estatística descritiva.

Importante ressaltar que durante a pesquisa também foram entrevistados produtores que após a análise dos dados apresentaram contratos formais de cooperação e ou integração, e por este motivo foram desconsiderados das análises posteriores que deram origem a este artigo.

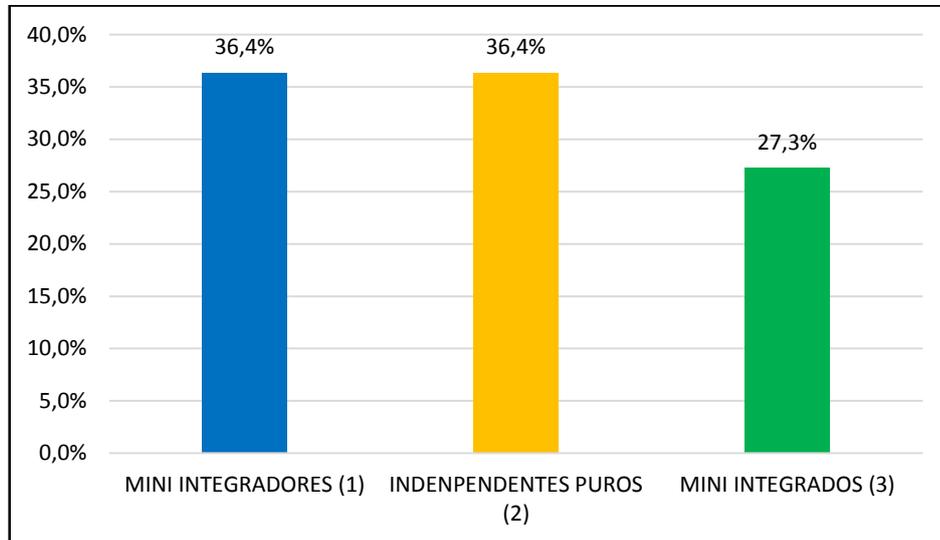
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.3.1 Perfil dos entrevistados

Conforme indicado na literatura, a classificação dos produtores de suínos se dá como: Integrados (que apresentam um contrato de integração vertical com alguma empresa ou agroindústria), Cooperados (que atualmente segue a mesma linha de produção das grandes integradoras, entretanto apresenta regime jurídico de cooperativa) e os Independentes que são responsáveis por todo o processo produtivo (SEBRAE e ABCS, 2016; ABCS e INTEGRALL, 2014; MIELE e WAQUIL, 2007).

Contudo de acordo com os dados obtidos, observou-se a existência de uma subdivisão dentro dos produtores que se auto declaram como independentes, conforme figura 1.

Figura 1 - Distribuição dos produtores conforme o sistema de produção na mesorregião Noroeste Rio-Grandense.



Fonte: Dados da Pesquisa

Os produtores caracterizados como Mini Integradores (12 entrevistados), são produtores que apresentaram estrutura produtiva e comercial mais desenvolvida quando comparados aos demais entrevistados. Estes produtores estão na atividade a 33,16(± 19,16) anos em média, no que diz respeito ao nível de escolaridade, é possível observar que 58,33% dos mini integradores possuem ensino médio, já 16,67% tem alguma graduação e 8,33% concluíram uma pós graduação.

Estes produtores declararam que desenvolvem a atividade por diversos motivos, como, por exemplo: herança familiar, citado nove vezes, gosto pessoal, citado nove vezes, diversificação das atividades e fonte de renda, citado três vezes e, ainda, por acreditarem na geração de alimentos e em apoio ao setor e vocação regional, citado quatro vezes.

Em alguns casos, os mini integradores apresentam estruturas semelhante às agroindústrias integradoras existentes na região. Eles também são caracterizados por possuírem acordos de parceria agropecuária com outros produtores de suínos na região, a fim de assegurar a sua escala de produção e viabilizar o seu negócio. Nestes casos, assumindo muitas vezes a responsabilidade de dar todo o suporte necessário à produção e no fim de cada ciclo, asseguram ao produtor parceiro a compra de seus animais. Estas parcerias podem apresentar um contrato formal conforme exposto por BRASIL (2016), sendo regido pela Lei da Integração de Nº 13.288 de 16 de Maio de 2016, ou serem estabelecidas apenas por uma relação de confiança

entre as partes. Estas combinações são conhecidas conforme citado por Miele e Waquil (2007), como acordos tácitos, existentes na suinocultura atual.

Os produtores caracterizados como Independentes Puros (12 na totalidade do estudo), desenvolvem essa atividade a cerca de 29 ($\pm 10,33$) anos, onde 41,67% concluíram o ensino médio e cerca de 16,67% já cursaram uma faculdade. Este fato provavelmente influenciou em sua estrutura produtiva atual, pois, em sua grande maioria, são detentores de todo o processo de cria, cria e engorda dos animais em um só local. Possuem total independência produtiva, exercendo livre escolha quanto à nutrição a ser usada, sobre questões sanitárias, questões relacionadas às instalações e outras relacionadas ao manejo do sistema de produção.

Estes produtores declararam que desenvolvem a atividade por diversos motivos como, por exemplo: herança ou sucessão familiar, que foram citadas sete vezes, a diversificação da renda, sendo citada seis vezes, a possibilidade de agregar valor à produção agrícola usando os cereais produzidos como fonte de matéria prima para nutrição dos animais, foi citado três vezes, o gosto pessoal pela atividade, citado três vezes, e a obtenção de esterco com propósito de utilizar nas lavouras para a produção de cereais, foi citada duas vezes.

Sobre esse grupo de produtores também é importante ressaltar a livre escolha na hora de comercializar o seu produto, buscando sempre agregar maior valor ao seu produto final, sendo que, por vezes, transaciona com os produtores do grupo 1.

Já sobre o grupo dos Mini Integrados onde foram entrevistados nove produtores. Grupo formado por produtores que estão a menos tempo na atividade produtiva, cerca de 18,7($\pm 8,8$) anos em média, e possuem baixo nível educacional. Cerca de 55% dos entrevistados não possuem ensino fundamental completo, desenvolvem a suinocultura principalmente por terem herdado essa atividade dos seus pais e também pelo gosto pessoal pela atividade. São caracterizados por estarem ligados de alguma forma, contratual ou não aos produtores do grupo 1, apresentando diversas diferenças quanto ao seu nível de independência junto ao Mini Integrador. Sabe-se através de conversas com os produtores mini integradores que existe um número maior de produtores que poderiam se enquadrar neste grupo, entretanto, devido ao volume de entrevistas, ao nível de saturação apresentado nas respostas deste grupo e por estarem ligados de alguma forma com os produtores do grupo 1, este número de produtores entrevistados foi considerado satisfatório.

Este perfil retrata a situação de “dependência” destes produtores, desfavorecidos quanto ao nível educacional, para se manter na atividade. Esta observação se dá, pois, ao analisar o sistema produtivo destes produtores mini integrados, (figura nº 3), é possível verificar que cerca de 77,28% trabalham exclusivamente em sistema de Unidade de Produção de Desmamados

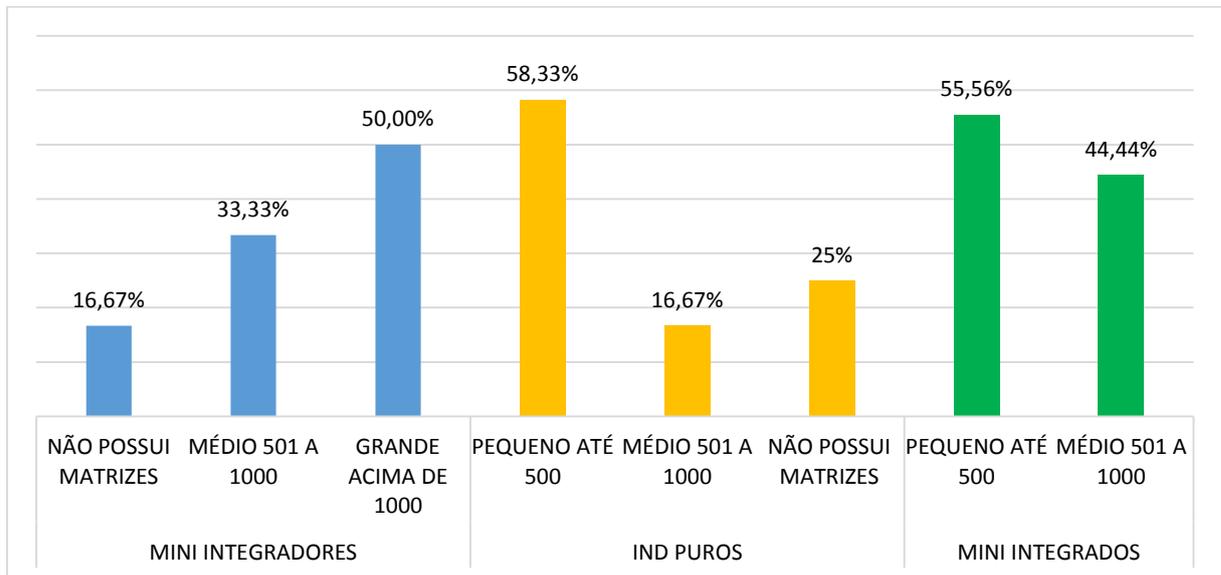
(UPD) e os produtores restantes, cerca de 22,22%, trabalham com UPD + Creche, sendo possível constatar que o nível de escolaridade destes produtores pode ser um fator limitante em sua atividade, pois sem a parceria com outros produtores ou mini integradoras, eles não teriam como continuar suas atividades.

Da mesma forma realizada neste trabalho, Wang et al., (2012), ao questionar quais eram os principais motivos dos produtores chineses em desenvolver a suinocultura, obteve como respostas que aumentar a renda é o objetivo principal na criação de porcos, com mais de 80% dos entrevistados, seguido da utilização de produtos agrícolas e a utilização de tempo livre dos mesmos.

4.3.2 Divisão dos produtores

De acordo com a divisão realizada pelo Panorama Setorial da Suinocultura produzido pela ABCS (2015), para efeitos de estudos e cálculos que possam retratar as realidades regionais e nacional, a segregação dos produtores e de suas atividades é feita pelo número de matrizes, nos casos de Unidades Produtoras de Leitão e de unidades de Ciclo Completo. Assim, são considerados pequenos produtores aqueles que possuem até 500 matrizes em sua propriedade. Já os médios são aqueles que possuem entre 501 e 1000 matrizes. Por sua vez os grandes são os que trabalham com mais de 1000 matrizes.

Figura 2 - Classificação das propriedades conforme o número de matrizes por grupo.



Fonte: Dados da Pesquisa

É possível observar que somente no grupo dos mini integradores existe a maioria de produtores considerados grandes (acima de 1000 matrizes) com 50% do total. Esta realidade pode se dar pelo fato de estes produtores serem responsáveis por fornecer animais aos seus parceiros agropecuários e buscarem obter uma escala de produção maior, minimizando os seus custos de produção por animal e buscando potencializar os lucros com a comercialização dos animais. Entretanto, esta estrutura de integração também é encontrada em menor escala quando analisados os produtores considerados médios pela divisão proposta (33,33%).

Vale ressaltar que alguns dos entrevistados não possuem granjas próprias, sendo apenas gestores, negociantes de suínos de terceiros, e mantêm a cadeia estruturada totalmente sob a forma de parceria, tendo produtores divididos em todas as fases. Neste caso o mini integrador é o proprietário dos animais e responsável por todos os aspectos produtivos e comerciais.

Já, se analisarmos o tamanho das propriedades, no grupo de produtores denominados de independentes puros, é possível verificar maior concentração de pequenos produtores, com cerca de 58% das propriedades com até 500 matrizes, e 16,67% dos produtores com 501 a 1000 matrizes, sendo considerados médios, vale ressaltar que alguns produtores não possuíam matrizes, mas realizavam as fases de creche, creche e terminação ou então somente a fase de terminação.

Por outro lado, no grupo dos produtores mini integrados 55,46% são considerados pequenos com até 500 matrizes e 44,44% são considerados médios produtores de 501 a 1000 matrizes, neste grupo foi possível observar uma maior concentração de produtores de leitões.

Esta predominância de produtores pequenos ou médios constituem os grupos de Independentes puros e Mini Integrados nesta pesquisa, corrobora com o fato de que a suinocultura desenvolvida por estes muitas vezes é uma atividade complementar a sua propriedade podendo ser como forma de agregação as matérias primas já disponíveis e otimização da mão de obra familiar.

Os valores supra apresentados vão de encontro aos apresentados por SEBRAE E ABCS (2016) que, ao analisar a estruturação das granjas do Rio Grande do Sul, observou que a maior concentração (quase 80%) do número de granjas ocorre entre 301 e 2.000 matrizes, tendo uma média de 536 matrizes/granja. Esta realidade decorre do fato de que o cooperativismo entre os criadores de suínos é menos expressivo do que nos demais estados da região sul e o processo de consolidação da produção está mais avançado (SEBRAE E ABCS 2016).

4.3.3 Formação da renda nas propriedade

Segundo Pereira (2018), o suinocultor é um “tomador de preço”, ou seja, possui pouco ou em alguns casos nenhum controle sobre o preço recebido pelo seu produto e, conseqüentemente, a sua remuneração, isto se dá pelo fato de o suinocultor fornecer um produto básico, sem qualquer transformação ou diferenciação, impossibilitando qualquer condição de fixação ou aumento de valor do produto, sendo este, definido pelo mercado.

ABCS e SEBRAE, (2016) indicam haver um movimento em que alguns produtores de menor porte saem do sistema integrado das indústrias e buscam entrar no sistema cooperado (o que tem ajudado as cooperativas a expandir sua base de produção); enquanto outros, em especial entre os independentes, deixam a atividade em momentos de maior pressão de custo e baixos preços, como o vivenciado em 2011 e 2012.

Com base nos resultados de seu estudo, Pereira (2018) pode concluir que a produção de suínos no sistema por Ciclo Completo (independente) na região sul do Brasil é uma atividade de risco, corroborando com a tendência de adoção de sistemas mais especializados, como mostram os números referentes à redução de produtores independentes atuando no sistema por Ciclo Completo e o aumento daqueles que optam por atuar como produtores integrados ou cooperados e majoritariamente especializados em determinada fase de produção.

Analisando os dados obtidos é possível verificar que a suinocultura assume diferentes níveis de importância na formação de renda dos produtores, sendo responsável por 74% da renda dos mini integradores, 50% da renda dos independentes puros e 79% da renda dos mini integrados.

Assim, existe relação direta na formação da renda através da suinocultura e a importância que a suinocultura tem em relação às demais atividades desenvolvidas pelos suinocultores.

Tabela 1 - Atividades desenvolvidas pelos entrevistados e sua contribuição na formação da renda.

Mini Integradores			
	Suinocultura	Produção de Grãos	Comercio de Grãos
1º Atividade	83,33%	0,00%	16,67%
2º Atividade	8,33%	16,67%	8,33%
Independentes Puros			
	Suinocultura	Produção de Grãos	Bovinocultura
1º Atividade	33,33%	58,33%	8,33%
2º Atividade	58,33%	8,33%	16,67%
Mini Integrados			
	Suinocultura	Produção de Grãos	Bovinocultura
1º Atividade	77,78%	22,22%	
2º Atividade	22,22%	55,56%	11,11%

Fonte: Dados da Pesquisa

Ao analisarmos o que os produtores mini integradores consideram como 1º atividade ou 2º atividade em suas propriedades (conforme tabela 1), observa-se que 83,33% elegeram a suinocultura como sendo a sua 1º atividade desenvolvida, servindo como base para explicar também o fato da existir predomínio de estruturas produtivas relacionadas a atividade em maiores quantidades nesse grupo, sendo que a suinocultura é 74% da renda deste grupo em média.

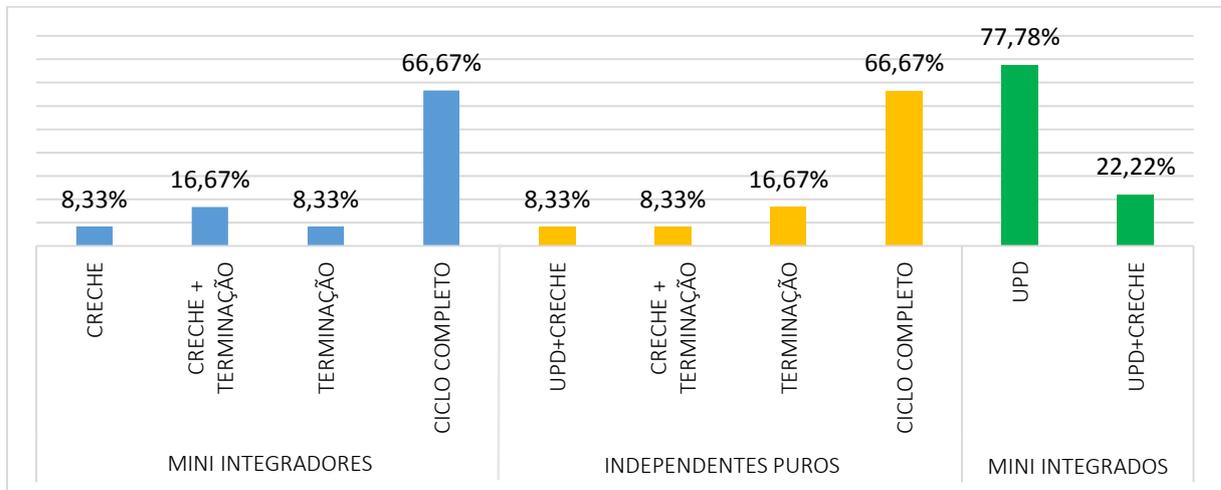
É importante ressaltar que os mini integradores em sua maioria possuem outros elos produtivos, como por exemplo comercio de grãos, fábrica de rações, que são utilizadas também para dar suporte a produção de suínos. Desta forma, é possível constatar nesse grupo que a suinocultura iniciou-se antes das demais atividades desenvolvidas e, com o passar do tempo,

esses produtores foram crescendo e se especializando, visualizando na suinocultura uma alternativa para agregar valor à matéria prima que possuíam disponível. Deste modo, organizaram toda a cadeia produtiva e agruparam produtores interessados em fazer os processos de cria, recria e terminação de seus animais, para posteriormente estes serem comercializados no livre mercado.

Já quando analisado o fator renda para os produtores independentes puros, a suinocultura em média constitui somente 50% da renda total nesse grupo, fato esse que pode ser explicado pelos produtores terem como sua primeira atividade a produção de grãos 58,33%, ficando assim a suinocultura juntamente com a bovinocultura em segundo plano na questão de atividade produtiva com 58,33% e 16,67% dos produtores respectivamente. Este quadro reforça a ideia que a suinocultura é vista pelos produtores independentes puros principalmente como forma de agregar valor à sua produção de cereais.

Por outro lado 77,78% dos produtores enquadrados como mini integrados declararam que a suinocultura é a sua 1ª atividade, seguida pela produção de grãos com 55,56% dos produtores, sendo que, para esse grupo de produtores, a suinocultura representa grande parte de sua renda total com cerca de 79% dos rendimentos.

Figura 3 - Sítios produtivos encontrados dentro de cada grupo.



Fonte: Dados da Pesquisa

Da mesma forma que são observadas diferenças quanto ao tamanho das propriedades nos diferentes grupos, o tipo de produção desempenhado por eles também apresenta diferenças, conforme figura 3, sendo o ciclo completo a produção dominante nos grupos 1 e 2 com 66,67% dos produtores em cada grupo, seguidos pelos produtores que realizam as fases de creche e terminação, já no grupo 3 que corresponde aos produtores mini integrados, existe um predomínio de propriedades que se especializaram em somente uma ou duas fases da produção sendo que 77,78% trabalha somente com UPD, comercializando o animal desmamando e os outros 22,22% dos produtores restantes realizam a fase de UPD + Creche, é importante ressaltar que todos os produtores enquadrados neste grupo, fornecem seus animais aos produtores do grupo 1, fomentando assim a produção dos mesmos, e que os produtores mini integradores que realizam somente as fases de creche, creche + terminação ou terminação, buscam comprar os leitões de outros produtores mini integradores ou independentes puros.

Portanto, mesmo existindo produtores independentes especializados em determinada fase da produção, predominam aqueles suinocultores que trabalham com granjas de Ciclo Completo (CC), desenvolvendo todas as atividades: do manejo reprodutivo das matrizes até às relacionadas à terminação do cevado para posterior entrega para abate (SEBRAE e ABCS, 2016).

4.4 CONCLUSÃO

A suinocultura na região pesquisada apresenta três tipos de produtores que se intitulam independentes, estes produtores apresentam características distintas entre si, sendo eles:

Independentes puros

Estão na atividade a cerca de 29 anos, aproximadamente 42% dos entrevistados possui ensino médio completo e quase 17% dos entrevistados possui alguma graduação. Dentre os motivos citados para desenvolver a atividade estão a herança/sucessão familiar e a diversificação da renda. Possuem livre escolha nos aspectos produtivos, técnicos e comerciais. Se tratando de estrutura produtiva, aproximadamente 58% dos entrevistados são considerados pequenos produtores com até 500 matrizes e 17% são considerados médios produtores de 500 a 1000 matrizes de acordo com a divisão proposta, apresentam predominantemente produção em ciclo completo 67%, e a suinocultura representa 50% da renda total dos entrevistados. Entretanto a produção de grãos é considerada por 58% dos entrevistados como sua primeira atividade, colocando a suinocultura como 2º atividade produtiva, reforçando a ideia que a suinocultura é uma forma de agregar valor à produção de grãos dos produtores.

Mini integradores

Estão na atividade a cerca de 33 anos, apresentam elevado índice de escolaridade sendo que 58%, aproximadamente, possuem ensino médio, 17% possuem alguma graduação, inclusive, 8,33% possuem pós-graduação. A herança familiar e o gosto pessoal pela atividade são os principais motivos para desenvolver a suinocultura. Estes produtores apresentam estruturas semelhantes às grandes empresas e agroindústrias integradoras. Destes, 50% dos produtores são considerados grandes produtores, ou seja, acima de 1000 matrizes e 33% são considerados médios produtores, para este grupo a suinocultura representa 74% da renda total em média, sendo a suinocultura considerada como a principal atividade produtiva por cerca de 83% dos entrevistados, com predominância de produção em regime de ciclo completo que corresponde a 67% dos entrevistados.

Mini integrados

Em comparação aos outros grupos é o que está a menos tempo na atividade (cerca de 18 anos). Apresentam baixo nível educacional, sendo que 55% dos entrevistados não possuem ensino fundamental completo. Citaram como motivos para desenvolver a atividade herança e gosto pessoal e possuem estreita relação com os produtores integradores. A maioria dos produtores (56%) é considerada como pequenos produtores e 44% são médios, sendo que a suinocultura representa 79% da renda destes produtores, sendo considerada por 78% dos

entrevistados como a 1º atividade produtiva. Fazem parte do regime produtivo especializado em UPD 77,78% e UPD + Creche com 22,22% dos produtores.

Foi possível obter que a produção de suínos é muito dinâmica e está em constante modificação, sendo que esta caracterização dos produtores pode sofrer alterações conforme o comportamento da produção e do mercado, sendo importante a observação desta cadeia produtiva pelos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SUÍNOS. ABCS. **Panorama Setorial da Suinocultura: Dossiê detalhado do setor suinícola**, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SUÍNOS/SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. ABCS/SEBRAE. **Mapeamento da Suinocultura Brasileira**. Brasília, DF, 2016. 376 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SUÍNOS. ABCS. **Produção de suínos: teoria e prática**/Coordenação editorial. Associação Brasileira de Criadores de Suínos; Coordenação Técnica da Integrall Soluções em Produção Animal. - Brasília, DF, 2014. 908 p.: il.: color.

BRASIL. LEI nº 11.288, de 16 de Maio de 2016. Dispõe sobre os contratos de integração, obrigações e responsabilidades nas relações contratuais entre produtores integrados e integradores, e dá outras providências. DF, 16 de maio de 2016. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2016/lei-13288-16-maio-2016-783112-publicacaooriginal-150385-pl.html>. Acesso em: 03 de mar. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Político-Administrativa**. 2017. Disponível em <<http://www.ngb.ibge.gov.br/Default.aspx?pagina=divisao>>. Acesso em: ag. 2017.

MIELE, M.; WAQUIL, P. D. Estrutura e dinâmica dos contratos na suinocultura de Santa Catarina: um estudo de casos múltiplos. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 37, n. 4, p. 817-847, 2007.

PEREIRA, A. R. **Rentabilidade e risco na produção de suínos para abate no sistema por ciclo completo: uma aplicação da simulação de Monte Carlo para os estados da região sul do Brasil**. 2018. 41 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2018.

POETA, A. P. S. et al. **Panorama da suinocultura no Rio Grande do Sul**. 2014.

TRENNEPOHL, D.; PAIVA, C. A. N.. **Contribuição potencial de atividades gropecuárias selecionadas para o desenvolvimento regional do Noroeste gaúcho**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 8, n. 1, 2012.

WANG, Qingbin et al. **China's small-scale hog production and implications for trade: Evidence from a farmer survey.** In: 2012 Annual Meeting, August 12-14, 2012, Seattle, Washington. Agricultural and Applied Economics Association, 2012.

5 ARTIGO 2 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A MANUTENÇÃO DAS ATIVIDADES NA SUINOCULTURA INDEPENDENTE DA MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE

RESUMO

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A MANUTENÇÃO DAS ATIVIDADES NA SUINOCULTURA INDEPENDENTE DA MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE

AUTOR: Vitor Inacio Hoelscher
ORIENTADORA: Juliana Sarubbi

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo principal de verificar as estratégias produtivas e comerciais utilizadas por produtores independentes de suínos localizados na Mesorregião Noroeste Rio-grandense, sendo que através da pesquisa também foi possível evidenciar as vantagens e desvantagens que os produtores têm ao produzir deste modo. As informações foram obtidas por meio de entrevista semiestruturada aplicada a 33 suinocultores localizados em 22 municípios pertencentes a Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, envolvendo questões que foram analisadas mediante estatística descritiva. Verificou-se a existência de estruturas distintas de produtores sendo possível dividi-los em três grupos denominados de Mini integradores contando com 12 produtores, Independentes Puros 12 produtores e Mini integrados com 9 produtores inseridos neste grupo. Dentre as estratégias foi possível constatar diferenças em relação a utilização de contratos futuros pelos produtores, sendo os Mini Integradores os produtores que mais utilizam esta ferramenta, entretanto os Independentes puros e os Mini integrados são os produtores que menos utilizam contratos de fornecimento de matéria prima constantemente, as principais vantagens citadas pelos entrevistados são a liberdade e a possibilidade de obtenção de maiores lucros, por outro lado a as crises do setor, a oscilação de preços e a volatilidade de mercado são os principais pontos negativos da atividade lembrados pelos produtores.

Palavras chave: Produção, Suínos, Rio Grande do Sul

ABSTRACT

STRATEGIES USED IN INDEPENDENT SWINE BREEDING IN THE NORTHWESTERN MESOREGION OF RIO GRANDE DO SUL

AUTHOR: Vitor Inacio Hoelscher
ADVISOR: Juliana Sarubbi

The present study was developed with the main aim to verify the production and marketing strategies used by independent swine breeding producers in the Northwest Meso-region of Rio Grande do Sul, being that through the research it was also possible to highlight the advantages and disadvantages of these producers have to produce by this way. The information was obtained through a semistructured interview applied to 33 swine farmers located in 22 municipalities belonging to the Northwest Meso-region of Rio Grande do Sul involving variables which were analyzed through descriptive statistics. Considering the producers characterization, there were different structures, being possible to divide them into three groups here being called Mini Integrators with 12 producers, Independent Pure with 12 producers and Mini integrated with 9 producers inserted in this group. Considering the analysis of the strategies, it was possible to verify differences in relation to the use of futures contracts by the producers, with Mini Integrators being the producers who most use this tool, however the Pure Independents and the Mini integrated are the producers who use less raw material supply contracts, the main advantages cited by the interviewed are the freedom and the possibility of obtaining greater profits, on the other hand the crisis on the sector, the oscillation of prices and the market volatility are the main negative points of the activity told by the producers.

Key words: Production, Swine, Rio Grande do Sul.

5.1 INTRODUÇÃO

Até a década de 1990, o ciclo completo era o principal sistema de produção de suínos para abate, e a partir daquela década, observou-se uma mudança organizacional, principalmente na região sul do Brasil (PEREIRA, 2018).

Na suinocultura atualmente desenvolvida na região Mesorregião Noroeste Rio-Grandense onde cerca de 18% da produção de suínos é de forma independente conforme ABCS e SEBRAE (2016), com os preços médios praticados historicamente sendo considerados baixos pelos produtores, para o valor do quilo de carne produzida, mesmo existindo breves registros de preços acima da média, as margens de lucro possíveis tem-se mostrado pequenas segundo os entrevistados. Deste modo o desenvolvimento e a utilização de estratégias por parte dos suinocultores independentes da região se faz importante para que o mesmos consigam se manter na atividade produtiva.

Rocha et al., (2007) aponta que existe a possibilidade de perdas mais elevadas, durante os períodos de crise, nas granjas do sistema de produção independente. Entretanto, ainda segundo o autor, quando a atividade encontrava-se em alta, os produtores independentes apresentaram desempenho econômico superiores aos produtores integrados com ganhos médios superiores às perdas ocorridas no período de baixa analisado, resultado não alcançado pelas granjas suinícolas do sistema integrado.

Desta forma, se faz importante o produtor independente obter conhecimento e desenvolver estratégias para minimizar os seus custo de produção ou então maximizar o valor de venda da sua produção buscando assim obter maiores lucros, com o objetivo de conseguir enfrentar as épocas de crises. Sendo que, a busca por estratégias que minimizem o custo de produção deve ser constante dentro da propriedade (ABCS e INTEGRALL, 2014).

Esta pesquisa teve por finalidade verificar quais são as estratégias utilizadas pelos produtores independentes em relação a produção e a comercialização dos animais, afim de se manter na atividade produtiva, bem como elencar quais são os motivos que levam os produtores a desenvolverem a suinocultura de modo independente no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, evidenciando quais são as suas vantagens e desvantagens apresentadas pelos produtores

5.2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada entre Novembro de 2017 a Março de 2018. A área de estudo incluiu 22 municípios pertencentes a Mesorregião Noroeste Rio-grandense no estado do Rio Grande do Sul, de acordo com a classificação proposta pelo IBGE (2017). Foram visitados 33 produtores distribuídos nos seguintes municípios: Barra do Guarita, Boa Vista do Buricá, Camargo, Candido Godói, Casca, Constantina, Humaitá, Ibirubá, Nova Boa Vista, Pinhal, Rodeio Bonito, Rondinha, Roque Gonzales, São Pedro do Butiá, Santa Rosa Santo Ângelo, Santo Cristo, Sarandi, Seberi, Três de Maio, Tucunduva, Vista Gaúcha representando 8 microrregiões segundo IBGE (2017).

Estes 22 municípios são divididos entre 8 microrregiões diferentes que por sua vez abrangem uma área de 45.953,29 km², segundo IBGE (2017). Portanto, geograficamente, foram estudados 71 % da área da Mesorregião Noroeste Rio-grandense.

A pesquisa foi constituída por entrevista semiestruturada que permitiu conhecer as estratégias utilizadas pelos produtores tanto na sua atividade produtiva como na comercialização dos animais. Também buscou-se identificar quais são as suas vantagens e

desvantagens de trabalhar de modo independente na suinocultura, bem como os meios utilizados por eles para se manterem na atividade.

Estes produtores independentes foram localizados através de informantes qualificados como a Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS, empresas do setor e a através de indicação dos próprios produtores.

Os dados obtidos através da pesquisa foram tabulados no *software* Excel® e analisados qualitativamente por meio de estatística descritiva.

5.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na suinocultura atualmente desenvolvida tanto no sul do país quanto na região de estudo podem ser encontrados três tipos de produtores de suínos que são: Integrados (que apresentam um contrato de integração vertical com alguma empresa ou agroindústria), Cooperados (que atualmente segue a mesma linha de produção das grandes integradoras, entretanto apresenta regime jurídico de cooperativa) e os produtores Independentes que são responsáveis por todo o processo produtivo, e transacionam principalmente no mercado *spot*, essa divisão encontrada na prática, também é observada em diversas literaturas como por exemplo: SEBRAE e ABCS (2016), ABCS e Integrall (2014), Miele e Waquil (2007).

Em contrapartida, na China, país com maior consumo de carne suína do mundo, conforme estudo realizados por Wang et al (2012) existem três tipos de explorações desenvolvidas, sendo que duas delas são familiares divididas em caseiras e especializadas e a terceira é a industrial, sendo que a criação caseira tem uma longa tradição nas zonas rurais: os criadores utilizam o seu tempo livre e os sub produtos agrícolas para criar alguns porcos por ano como atividade secundária. As explorações especializadas começaram a aparecer na China a partir de 1980, quando a economia rural foi liberalizada, sendo atividade principal das famílias, já as explorações industriais pertencem a empresas e trabalham em grande escala com mais recursos técnicos e financeiros.

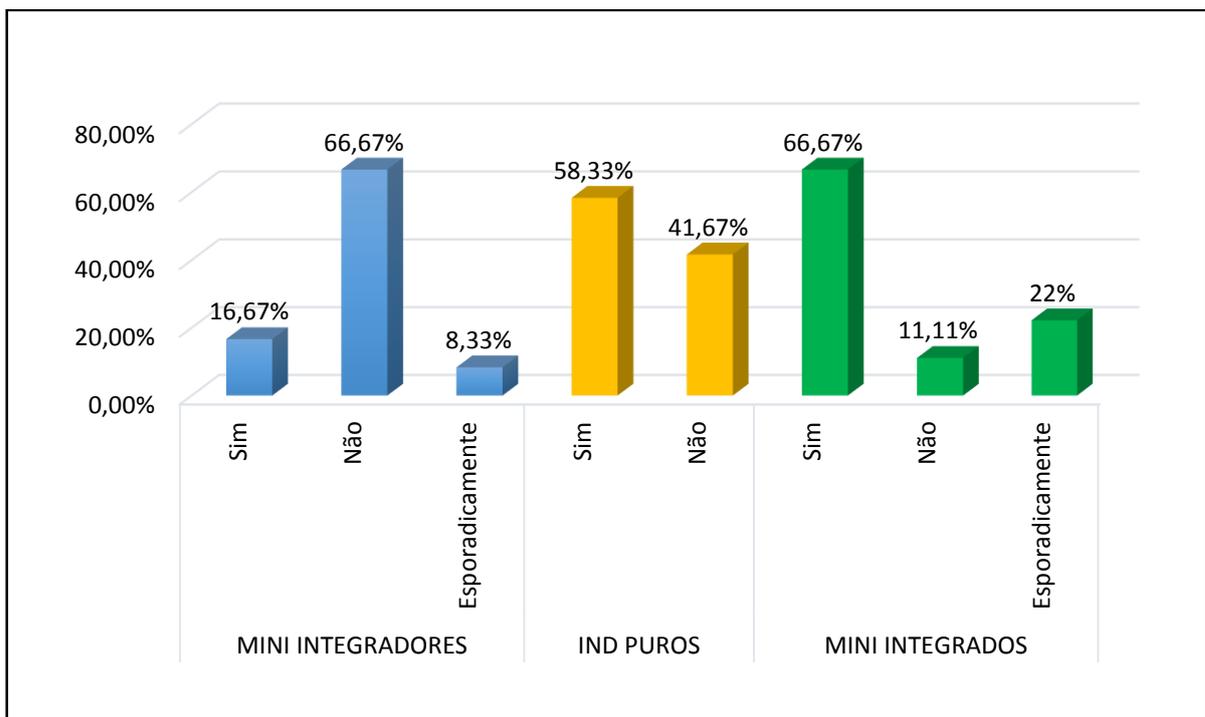
Ainda que a criação familiar seja predominante na China, não há muitos dados sobre as proporções de cada um destes tipos de explorações; os mais recentes afirmam que 96,30 % das explorações tem entre 1 e 49 porcos e que representaram 47,42 % da produção total em 2004. Sendo esta suinocultura desenvolvida de forma independente com 96% dos entrevistados, os suinocultores chineses também declararam que não fazem contratos com empresas e nem cooperam com outros suinocultores (WANG et al ,2012).

A análise dos dados obtidos nas entrevistas tornaram possível classificar os produtores em 3 grupos distintos, sendo eles: Mini integradores (1) com 12 produtores pertencentes a este grupo, Independentes Puros (2) da mesma forma que no grupo 1 também apresentam 12 produtores e os produtores pertencentes ao grupo denominado como Mini Integrados (3) sendo constituído por 9 produtores.

5.3.1 Organização financeira da produção independente

Ao serem questionados se a suinocultura desenvolvida precisa de aportes financeiros provenientes os produtores forneceram diferentes respostas, sendo que no gráfico 1 é apresentada a opinião dos mesmos frente a necessidade de receber subsídios financeiros de outras atividades por eles desenvolvidas ou até mesmo através de empréstimos bancários.

Gráfico 1 - Necessidade de subsidio financeiro na suinocultura independente.



Fonte: Dados da Pesquisa

Foi possível verificar que no grupo 1 dos Mini Integradores, a suinocultura apresenta números mais representativos de auto sustentabilidade, sendo que somente 16,67% declararam que outras atividades subsidiam a suinocultura, 8,33% declararam que a suinocultura é

subsidiada esporadicamente e grande maioria dos entrevistados deste grupo 66,67% declarou que a suinocultura não recebe nenhum tipo de subsidio proveniente de outras atividades desenvolvidas.

A Mini integração vertical realizada pelos produtores do grupo 1 assegura a estes produtores o recebimento dos suprimentos disponíveis no caso os suínos em períodos difíceis de escassez o que pode favorecer a sustentabilidade econômica deste produtores.

Segundo Sparemberger (2008), o sistema de integração é definido como uma forma de articulação vertical entre empresas agroindustriais e pequenos produtores agrícolas, em que o processo de produção é organizado industrialmente, ou o mais próximo possível desse modelo, com aplicação maciça de tecnologia e capital.

Este conceito pode ser aplicado ao sistema desenvolvido pelos produtores Mini Integradores, pois ao mesmo tempo que investem maciçamente na atividade, estes produtores são os que menos necessitam de auxílios financeiros para continuar com a atividade

Já no grupo 2, ou seja, no grupo dos produtores Independentes Puros, foi possível observar índices maiores de necessidade de subsidio de outras atividades na suinocultura, sendo que 58,33% declararam que sim, que precisam fazer aportes financeiros de outras atividades dentro da suinocultura constantemente. Estes dados podem auxiliar no entendimento da volatilidade de mercado que estes produtores estão expostos, pois estes atores da cadeia são responsáveis desde a criação dos animais até a escolha para quem vender, e pelo fato de trabalharem de forma independente, sem adotar nenhum sistema de mini integração ou parceria agropecuária. Por outro lado, cerca de 41,67% declararam que não precisam subsidiar a suinocultura, fato este que pode ser resultado de alguma característica ou estratégia apresentada por estes entrevistados que diferem do restante do grupo mas que não foi possível isolar nesta pesquisa.

Entretanto, o grupo 3 dos Mini Integrados apresenta uma estruturação em relação a necessidade de subsídios totalmente diferente dos demais grupos, sendo que 66,67% dos entrevistados declararam que necessitam de subsídios provenientes de outras atividades para se manterem na atividade suinícola, 22% declararam que essa necessidade é esporádica, e somente 11% declararam que não necessitam de subsídios externos para se manter na atividade produtiva, números estes que necessitam de atenção, pois coloca em dúvida a continuidade da atividade produtiva por esse grupo de produtores.

Entretanto na suinocultura chinesa, Wang et al (2012), indica que raramente os suinocultores chineses pedem dinheiro emprestado ao banco ou participam em organizações de cooperação para a produção de suínos. A proporção de suinocultores que solicitou e recebeu

um empréstimo para a produção de suínos nos últimos três anos é de cerca de 10% em ambas as províncias pesquisadas.

5.3.2 Estruturas auxiliares a produção de suínos

Da mesma forma que a produção de suínos de modo integrado ou cooperado, a produção de suínos de modo independente demanda de uma série de estruturas auxiliares, sendo que existem diferenças evidentes quando comparados os três grupos de produtores que se enquadram no modo independente. Estes dados podem auxiliar no entendimento de questões como a debatida anteriormente que é a necessidade de subsídios financeiros de outras atividades dentro da suinocultura.

Verificou-se que dentro do grupo 1, existe a tendência de concentração e especialização em estruturas que estão diretamente ligadas a produção, transporte e comercialização de sua produção. Foi possível observar que 100% dos produtores entrevistados fazem o transporte de sua ração e dos seus animais, já 92% dos entrevistados possuem fábrica de ração, contudo somente 33% possuem comércio de cereais e uma minoria dos produtores, cerca de 17%, declararam que possuem lavouras, reforçando assim a ideia de a suinocultura ser auto sustentável e essa estruturação apresentada pelo grupo pode ser considerada como uma importante estratégia para a manutenção de suas atividades.

Entre os Independentes puros a existência destas estruturas auxiliares apresenta um perfil um pouco diferente, onde 100% possuem fábrica de ração, entretanto somente 8% transportam esta ração, já 17% possuem estrutura de transporte dos animais, e 75% destes produtores possuem lavouras, informação que leva a reforçar a ideia que estes produtores, se utilizam da suinocultura principalmente como forma de agregar valor e consumir a sua produção agrícola, diferentemente dos produtores do grupo 1, estes produtores são principalmente produtores de grãos e em segundo plano são produtores de carne suína.

Quando tratando dos Mini Integrados, essa situação das estruturas auxiliares de produção apresenta uma configuração diferente dos demais grupos analisados, onde cerca de 78% possuem estrutura de fábrica de ração, valor este abaixo dos demais produtores e cerca de 78% dos entrevistados possuem lavoura, mostrando alto nível de dependência da produção agrícola para a manutenção de suas atividades, entretanto estes produtores não apresentam as outras estruturas apresentadas pelos demais produtores.

5.3.3 Estratégias de obtenção de matéria prima para a produção de suínos

Conforme relatado pelos entrevistados a suinocultura de uma forma geral apresenta elevados custos de produção e em determinadas circunstâncias chega a apresentar prejuízos para os produtores. Sendo neste trabalho o suinocultor independente o objeto de pesquisa, é importante ressaltar que o mesmo arca com todos os custos de produção e a receita é depende diretamente do preço de venda do suíno vivo ao frigorífico, agroindústria ou em alguns casos para atravessadores.

Conhecer os custos das matérias primas utilizadas na produção e ter previsibilidade sobre os mesmo pode fazer a diferença quando se trata de se manter ou não na atividade de produção de suínos, visto que a ração é o principal item de custo dos suinocultores independentes que atuam no mercado spot (de 59% a 70% dos custos totais) (MIELE,2013).

Ao serem questionados, os produtores participantes da pesquisa sobre a realização de contratos de fornecimento de matéria prima ou da utilização de contratos futuros, a fim de poder fixar um preço de custo em relação à nutrição animal, obtiveram-se diferentes níveis de utilização desta ferramenta de gestão da matéria prima, conforme tabela 1.

Tabela 1 - Gestão de contratos e fornecimento de matéria prima para produção de suínos na produção independente.

UTILIZA CONTRATOS FUTUROS DE MATÉRIAS PRIMAS			
	SIM	NÃO	ESPORADICAMENTE
MINI INTEGRADORES INDEPENDENTES	66,67 %	33,33%	
PUROS	8,33%	83,33%	8,33%
MINI INTEGRADOS	22,22%	77,78%	
POSSUI CONTRATO DE FORNECIMENTO DE MATÉRIAS PRIMAS			
	SIM	NÃO	CONTRATO VERBAL
MINI INTEGRADORES INDEPENDENTES		66,67%	33,33%
PUROS		75%	25%
MINI INTEGRADOS	11,11%	77,78%	11,11%

Fonte: Dados da Pesquisa

Ao verificar os dados obtidos através da pesquisa, é possível constatar que os produtores caracterizados como Mini integradores são os que mais utilizam a ferramenta de contratos futuros na obtenção de matérias primas, cerca de 67%, por outro lado quando analisada a existência de contrato de fornecimento constante de matéria prima, neste grupo 66,67% dos entrevistados declararam que não possuem contrato formal de fornecimento de matéria prima, sendo que cerca de 33% apresenta uma forma de contrato verbal, o que nos leva a refletir sobre a existência de mais de um fornecedor de matéria prima para os produtores deste grupo, buscando sempre encontrar os melhores preços seja por meio de contrato futuro ou na compra direta conforme comportamento do mercado.

O grupo de produtores que demanda mais atenção em relação a obtenção de matéria prima são os produtores caracterizados como independentes puros, pois sua grande maioria (83,33%) declararam que não utilizam contratos futuros para a obtenção de matéria prima, e só 8,33% utilizam, sendo este o mesmo valor dos que utilizam esporadicamente. Entretanto, é importante ressaltar que 75% dos entrevistados que se enquadram neste grupo declararam que não possuem contrato de fornecimento de matéria prima a não utilização desta estratégia pode estar ligada ao fato de que os produtores enquadrados neste grupo apresentam em sua maioria a lavoura como forma de obter matéria prima para os suínos.

Já com relação aos produtores Mini Integrados, provavelmente pelo fato de existir a parceria com os produtores do grupo 1, somente 22% utiliza contratos futuros para obter matéria primas, contudo poucos produtores possuem contrato de fornecimento de matéria prima, cerca de 11% apresenta contrato verbal e 11% algum tipo de contrato formal, pois conforme explicitado anteriormente, 78% destes entrevistados utilizam a produção agrícola de sua propriedade como forma de alimentação na suinocultura, seguindo o comportamento apresentado no grupo 2.

5.3.4 Estratégias produtivas e comerciais utilizadas na suinocultura independente

Juntamente com as ferramentas utilizadas para garantir ou beneficiar a compra de matérias primas, o produtor de suínos independente podem adotar diferentes estratégias com o intuito de diminuir os seus custos de produção (tabela 2). A mesma estratégia pode ser encontrada nos diferentes grupos formados através desta pesquisa a campo, entretanto, existem diferenças em torno de quanto uma ou outra estratégia é utilizada e também percebe-se uma relação direta do uso destas estratégias com a utilização de ferramentas como contratos futuros ou de fornecimento de matérias primas para a produção.

Tabela 2 -Estratégias citadas pelos suinocultores independentes que são utilizadas para manter os custos de produção de suínos baixos.

	ENTREVISTADOS	%
MINI INTEGRADORES		
Substituição de MP	7	58,33
Trabalha com Estoques	9	75,00
Compras Programadas	5	41,67
Especulação de Mercado	2	16,67
INDEPENDENTES PUROS		
Substituição de MP	9	75,00
Trabalha com Estoques	4	33,33
Compras Programadas	1	8,33
Consome o que produz	3	25,00
MINI INTEGRADOS		
Substituição de MP	1	11,11
Trabalha com Estoques	3	33,33
Compras Programadas	2	22,22
Especulação de Mercado	3	33,33
Consome o que produz	1	11,11
Não apresenta estratégia	4	44,00

Fonte: Dados da Pesquisa

Com relação aos produtores Mini integradores é possível verificar que 75% dos entrevistados utilizam a estratégia de trabalhar com estoques de matérias primas, juntamente da utilização das compras programadas cerca de 41% dos entrevistados, estratégias estas que vão ao encontro com os dados apresentados pelo mesmo grupo na tabela 1 quando analisada a gestão de compras das matérias primas, onde estes produtores utilizam-se de contratos futuros de fornecimento a fim de garantir o volume necessário de matéria prima a preços já fixados.

Estes produtores também utilizam a substituição de matérias primas em períodos de escassez ou de elevação nos preços, cerca de 58% dos entrevistados, contudo, essa substituição conforme exposto por alguns produtores, é parcial e utilizada somente em épocas por eles consideradas críticas na obtenção de alimentos usados normalmente na fabricação das rações, que são o milho e o farelo de soja.

Outro ponto que desfavorece esta estratégia em relação as outras adotadas por estes produtores é a necessidade de grandes volumes destas matérias primas substitutas, que em grande parte das vezes não é possível encontrar disponível no mercado.

Desta feita, ao analisar a principal estratégia adotada pelos produtores Independentes Puros, verificou-se evidente concentração da substituição de matérias primas por estes produtores 75% dos entrevistados, estratégia esta que pode ser explicado por dois motivos, primeiramente pela baixa utilização de contratos futuros abrindo mão de garantir volumes satisfatórios a preços justos, fazendo com que estes produtores precisam recorrer a matérias primas substitutas mais baratas, em épocas de alta de preços das matérias primas tradicionais, como, por exemplo, o uso de soro de leite, farelo de soja, farelo de trigo. Entretanto, estas matérias primas alternativas podem vir a ser de menor qualidade nutricional, um segundo ponto importante que pode explicar a utilização desta estratégia por estes produtores, é fato de que estes produtores possuem maior autonomia em relação as decisões nutricionais de seu plantel, podendo assim fazer substituições e alterações na dieta dos animais da maneira que lhe convir, buscando sempre o mínimo custo.

Ao analisar as estratégias adotadas pelo Mini Integrados, observa-se que grande número de entrevistados 44% declararam que não apresentam nenhuma estratégia específica para diminuir os custos de sua produção, informação esta que deve ser levada em consideração quando analisada a continuidade da produção por estes atores, visto que na suinocultura atual, mesmo estes produtores participando de um tipo de “integração”, as margens normalmente são pequenas e os riscos são grandes, contudo alguns produtores declararam que procuram trabalhar com estoques (33%), fazer compras programadas (22%) ou então trabalham com especulação de mercado para adquirir suas matérias primas (33%).

Juntamente com as estratégias produtivas utilizadas pelos produtores independentes de cada grupo, foi possível verificar quais são as estratégias comerciais ou de venda da produção utilizadas pelos diferentes grupos de produtores (tabela 3), sendo possível observar semelhanças entre os grupo 1 e 2 de produtores.

Tabela 3 - Estratégias adotadas na venda dos animais.

	ENTREVISTADOS	%
MINI INTEGRADORES		
Exerce a opção de venda ao mercado	5	41,67%
Apresenta fidelidade comercial	4	33,33%
Parte da produção tem fidelidade e outra parte exerce a opção de venda	2	16,67%
Abate sua produção e vende no varejo	1	8,33%
INDEPENDENTES PUROS		
Exerce a opção de venda ao mercado	7	58,33%
Apresenta fidelidade comercial	4	33,33%
Parte da produção tem fidelidade e outra parte exerce a opção de venda	1	8,33%
MINI INTEGRADOS		
Possui contrato de fornecimento	6	66,67%
Apresenta fidelidade comercial (contrato verbal - informal)	3	33,33%

Fonte: Dados da Pesquisa

A comercialização dos suínos terminados pode ser considerada um dos pontos de maior preocupação para os suinocultores independentes, pois em determinadas épocas do ano o produtor necessita buscar compradores para a sua produção, fato que ainda pode ser agravado pela possibilidade de sofrer um calote, como retratado por alguns entrevistados.

Segundo os entrevistados se a situação comercial estiver favorável e o mercado de consumo de carne suína estiver aquecido, as possibilidades de ganhos expressivo pelos suinocultores são bem maiores, quando comparados os ganhos obtidos pelos suinocultores integrados ou cooperados, o que pode favorecer a permanência dos produtores no modelo produtivo independente.

Entretanto, os produtores pertencentes aos grupos 1 e 2 apresentaram semelhanças em relação as estratégias adotadas, sendo que, mesmo com a oscilação de preços e a instabilidade da margem obtida por eles, ambos preferem exercer a sua opção de venda ao mercado *spot*, mantendo relações comerciais com frigoríficos, e agroindústrias de grande e pequeno porte com 41,67% e 58,33% respectivamente dos entrevistados de cada grupo. Já 33% dos produtores destes grupos apresentam fidelidade comercial com um ou mais compradores, buscando sempre manter o seu poder de escolha na hora de vender.

Também é possível verificar dois casos que apresentam diferenças em relação às estratégias adotadas pelo restante dos produtores dos respectivos grupos, sendo o primeiro caso

onde o produtor Mini integrador é responsável por manter a cadeia produtiva e ainda abate a sua produção e vende diretamente ao varejo, e um segundo caso que o produtor Independente Puro além de vender animais terminados, ou seja produção de ciclo completo, é fornecedor de leitões desmamados para outro produtor Mini integrador, que infelizmente não foi possível incluir na pesquisa, pois não pertence a região estudada.

Assim, estes dois casos são semelhantes quando considerada a busca pelo produtor em “fugir” dos riscos que a atividade apresenta. O primeiro caso busca agregar valor à sua produção, comercializando o produto suíno em forma de carne *in natura* e não mais como animal terminado para abate, já o segundo caso busca diversificar as fontes de renda dentro do seu sistema produtivo.

Já, ao analisar as estratégias adotadas pelos produtores Mini Integrados, essa diversidade e autonomia não se torna presente, sendo que 66,67% apresenta contrato de fornecimento e 33,33 % apresenta algum tipo de acordo informal com os produtores Mini Integrados.

Diferentemente dos produtores entrevistados nesta pesquisa, os produtores de suínos chineses não contam com essa diversidade de modos de comercialização de sua produção, sendo os comerciantes de suínos o caminho preferido para vender porcos porque os comerciantes podem comprar porcos no portão da fazenda (WANG et al, 2012)

5.3.5 Vantagens e desvantagens de ser produtor independente de suínos

A fim de descobrir quais as vantagens e desvantagens que os produtores visualizam por produzirem suínos de forma independente, ao serem questionados sobre essa questão os produtores deram diferentes respostas que foram tabuladas com base nos grupos anteriormente formados. No grupo de produtores Mini Integrados, vantagens de como possuir autonomia, ter liberdade e ser dono do próprio negócio foram citadas sete vezes, respostas sobre a possibilidades de maiores lucros e maior agregação de valor a produção foram citadas 12 vezes pelos entrevistados, possuir livre mercado e maior flexibilidade nas vendas foram lembradas quatro vezes pelos entrevistados, e somente um produtor deste grupo não visualiza vantagem no atual cenário produtivo.

Da mesma forma, quando perguntado aos produtores que foram posteriormente enquadrados no grupo dos Independentes Puros sobre quais as vantagens que eles visualizavam na produção independente, a autonomia, a liberdade e ser dono do próprio negócio foram as vantagens mais citadas, em um total de 15 vezes. Já respostas como a possibilidade de maiores lucros e maior agregação de valor foram citadas seis vezes. Um produtor neste grupo considera

uma vantagem produzir de forma independente, pois, segundo ele, não existem tantas exigências quando comparado ao sistema de integração e, da mesma forma que no grupo anterior, um produtor não vê vantagem em ser independente no atual cenário que a pesquisa foi desenvolvida.

Para os produtores Mini Integrados, as vantagens segundo os mesmos de serem independentes são: Maior autonomia e liberdade, lembradas quatro vezes, possibilidade de negociação com o produtor parceiro e maiores ganhos foram citadas três vezes e a questão de ter menos exigências e menos compromissos em relação às tradicionais integradoras foi citada duas vezes pelos entrevistados.

Quando perguntados sobre quais as desvantagens os produtores enfrentam por trabalharem de modo independente, os Mini Integradores deram as seguintes respostas: As crises do setor foram citadas três vezes pelos entrevistados, a dificuldade de comercialização e de colocação de sua produção foram lembradas quatro vezes pelos entrevistados. Problemas como a variação de mercado constante e as oscilações de preços foram citadas três vezes como desvantagens, entretanto quatro produtores declararam que não veem desvantagens de serem independentes.

Da mesma forma, as crises constantes do setor, juntamente com altos prejuízos e a dificuldade de comercialização foram lembradas como desvantagens seis vezes pelos produtores caracterizados como Independentes Puros, de modo igual à volatilidade, o risco de mercado e a flutuação de preços também foram citados seis vezes pelos entrevistados. A necessidade de grande montante de capital e dinheiro imobilizado foi considerada uma desvantagem por três destes produtores. Não possuir uma parceria foi citado uma vez pelos entrevistados.

Igualmente quando perguntado aos produtores Mini Integrados quais são as desvantagens observadas por eles na produção independente, o alto valor dos custos e de investimentos foi lembrado quatro vezes, seguido pelas épocas de crise que foram lembradas duas vezes pelos entrevistados. A falta de garantia de lucros e a necessidade de procurar um comprador para a sua produção foram citadas uma vez cada como uma desvantagem visualizada.

5.4 CONCLUSÃO

A Mesorregião Noroeste Rio-Grandense apresenta diferentes formas de estruturação da suinocultura de modo independente, sendo ela composta por produtores denominados neste

trabalho como: Mini integradores, Independentes Puros e Mini Integrados, dentro destes grupos existem produtores de diversos tamanhos, com estruturas produtivas diferentes e estratégias diferentes de produção e comercialização de seus animais.

Em relação a obtenção de matérias primas, o grupo dos Mini Integradores utiliza-se principalmente de contratos futuros, nos grupos dos Independentes Puros e Mini Integrados a utilização de contratos futuros é menor e em média 76% dos produtores destes grupos declararam que não possuem fornecedor fixo de MP.

A estratégia produtiva mais utilizada pelos produtores Mini Integradores foi trabalhar com estoques, já no grupo dos Independentes Puros a mais utilizada é a substituição de matérias primas e no grupo dos Mini Integrados foi possível constatar que grande parte dos produtores não possui nenhuma estratégia definida, já a estratégia comercial mais utilizada pelos produtores dos grupos dos Mini Integradores e dos Independentes Puros é a venda no livre mercado ou mercado *spot*, assim, sendo que os produtores Mini Integrados utilizam mais a estrutura de parceria como forma de garantir a venda de seus animais

Com relação às principais vantagens, pode-se concluir que a liberdade e a possibilidade de obtenção de maiores lucros estão entre os principais motivos de ser produtor independente para todos entrevistados. Por outro lado, a as crises do setor, a oscilação de preços e a volatilidade de mercado são os principais pontos negativos da atividade lembrados pelos produtores.

Sendo assim, é importante ressaltar a existência de relações de parceria e colaboração entre estes atores da suinocultura, que em certos momentos, mesmo sem se dar por conta acabam fomentando e auxiliando outro produtor de suínos a se manter e obter lucros na atividade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **Relatório anual 2017**. Associação Brasileira de Proteína Animal, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SUÍNOS/ SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. ABCS/SEBRAE. **Mapeamento da Suinocultura Brasileira**. Brasília, DF, 2016. 376 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SUÍNOS. **Produção de suínos: teoria e prática**/Coordenação editorial. Associação Brasileira de Criadores de Suínos; Coordenação Técnica da Integrall Soluções em Produção Animal. Brasília, DF, 2014. 908 p.: il.: color.

MIELE, M. Quais são as opções de política pública para enfrentar as sucessivas crises na suinocultura brasileira? **Embrapa Suínos e Aves-Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 2013.

MIELE, M.; WAQUIL, P. D. **Estrutura e dinâmica dos contratos na suinocultura de Santa Catarina: um estudo de casos múltiplos**. Estudos Econômicos, **São Paulo**, v. 37, n. 4, p. 817-847, 2007.

PEREIRA, A. R. **Rentabilidade e risco na produção de suínos para abate no sistema por ciclo completo: uma aplicação da simulação de Monte Carlo para os estados da região sul do Brasil**. 2018. 41 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2018.

POETA, A. P. S. et al. **Panorama da suinocultura no Rio Grande do Sul**. 2014

ROCHA, D. T.; MOURA, A. D.; GIROTTO; A. F. **Análise de Risco de Sistemas de Produção de Suínos, Integrado e Independente, em Períodos de Alta e Baixa Rentabilidade**. Revista de Economia e Agronegócio, vol. 5, nº. 3, 2007.

SPAREMBERGER, A. et al. Estratégias de um frigorífico do estado do Rio Grande do Sul frente ao processo de abastecimento 2008, disponível em:
<http://sistema.semead.com.br/11semead/resultado/an_resumo.asp?cod_trabalho=181>. Acesso em: 12 jul. 2018.

WANG, Qingbin et al. **China's small-scale hog production and implications for trade: Evidence from a farmer survey**. In: 2012 Annual Meeting, August 12-14, 2012, Seattle, Washington. Agricultural and Applied Economics Association, 2012.

6 DISCUSSÃO

Conforme é possível observar neste trabalho atualmente a suinocultura desenvolvida na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, além de apresentar a classificação dos produtores já difundida pela literatura, é possível encontrar dentro da produção independente, pelo menos três sub divisões que apresentam características distintas entre si, e aqui denominadas como: Mini Integradores, Independentes Puros e Mini Integrados

Estes produtores não só apresentam uma série de diferenças quanto a sua caracterização pessoal, produtiva e comercial, mas também apresentam diferenças em relação as estratégias adotadas em seu dia a dia para obterem lucros e se manter na atividade, sendo que as principais vantagens por eles declaradas são: a liberdade e a possibilidade de obtenção de maiores lucros. Por outro lado, as constantes crises do setor, a oscilação de preços e a volatilidade de mercado são os principais pontos negativos da atividade lembradas pelos produtores.

É possível afirmar que a produção de suínos de modo independente é muito dinâmica e está em constante modificação, sendo que esta realidade aqui discutida em relação aos produtores pode sofrer alterações conforme o comportamento da produção e do mercado, e as estratégias por estes produtores adotadas se dão em decorrência do atual cenário produtivo que foi desenvolvida a pesquisa

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SUÍNOS. ABCS. **Panorama Setorial da Suinocultura**: Dossiê detalhado do setor suinícola, 2015
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SUÍNOS. ABCS/SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. ABCS/SEBRAE. **Mapeamento da Suinocultura Brasileira**. Brasília, DF, 2016, 376 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SUÍNOS. ABCS. **Produção de suínos: teoria e prática**/Coordenação editorial. Associação Brasileira de Criadores de Suínos; Coordenação Técnica da Integrall Soluções em Produção Animal. Brasília, DF, 2014. 908 p.: il.: color.
- BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de Julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais Brasília. DF, 24 de Julho de 2006 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em: 03 mar. 2017.
- BRASIL. Resolução nº 0466 de 12 de Dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 03 out. 2017.
- COELHO, L. A. F. et al. **Avaliação espermática e dosagem sérica de cortisol em dois suínos em diferentes períodos do dia**. Nucleus Animalium, v. 3, n. 1, 2011.
- DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA DOS ESTADO UNIDOS- USDA (2016). Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/psdQuery.aspx>. Acesso em: 01 jun. 2017.
- FIRJAN, **Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM)**. 2016. Disponível em: <http://www.firjan.com.br/ifdm/>. Acesso em: 19 dez. 2016.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **FEEDADADOS**. 2017. Disponível em: <http://feedados.fee.tche.br/feedados/>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- GERHARDT, T. E. et al. Unidade 4–Estrutura do projeto de pesquisa. **Métodos de pesquisa**. p. 65-87, 2009.
- HEISSLER, G. H. **Análise comparativa do poder de compra de suinocultores independentes e integrados do Rio Grande do Sul**. UFRGS, 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário**. 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Político-Administrativa**. 2017. Disponível em <<http://www.ngb.ibge.gov.br/Default.aspx?pagina=divisao>>. Acesso em: 20 ag. 2017.

LANFREDI, V. **Suinocultura em uma Propriedade Rural: O Retorno do Investimento na Suinocultura em uma Propriedade Rural**. Revista de Agronomia e Medicina Veterinária IDEAU, Getúlio Vargas, RS, v. 1, n. 02, 2014.

MANTELLI, J. **O setor agrário da região noroeste do Rio Grande do Sul**. 2006.

MAPA. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/animal/exportacao>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

MIELE, M. et al. **Tipologia de suinocultores nas regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil**. In: Embrapa Suínos e Aves-Artigo em anais de congresso (ALICE). In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 52. 2014. Goiânia, GO. Anais. Goiânia: Sober, 2014.

MIELE, M. **Quais são as opções de política pública para enfrentar as sucessivas crises na suinocultura brasileira?** Revista de Política Agrícola, v. 22, n. 1, p. 137-140, 2013.

MIELE, M.; MACHADO, J. S. **Panorama da carne suína brasileira**. Agroanalysis (FGV), v. 30, p. 36-42, 2010.

MIELE, M.; WAQUIL, P. D. **Estrutura e dinâmica dos contratos na suinocultura de Santa Catarina: um estudo de casos múltiplos**. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 817-847, 2007.

MIRANDA, C. R. **Ordenamento Sustentável da Suinocultura em Santa Catarina**. Suinocultura Industrial. 190. ed. São Paulo, N° 7. 4 – 66 p. 2005.

PEREIRA, A. R. **Rentabilidade e risco na produção de suínos para abate no sistema por ciclo completo: uma aplicação da simulação de Monte Carlo para os estados da região sul do Brasil**. 2018. 41 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2018.

POETA, A. P. S. et al. **Panorama da suinocultura no Rio Grande do Sul**. 2014.

ROCHA, D. T. et al. **Competitividade entre os sistemas integrado e independente de produção de suínos**. 2006

ROCHA, D. T.; MOURA, A. D.; GIROTTO, A. F. **Análise de Risco de Sistemas de Produção de Suínos, Integrado e Independente, em Períodos de Alta e Baixa Rentabilidade**. Revista de Economia e Agronegócio, vol. 5, n° 3, 2007.

ROHENKOHL, J. E. **A Integração Produtiva entre Agropecuária e Agroindústria: Uma Discussão Introdutória em Torno da Suinocultura**. Revista Economia e Desenvolvimento, n° 19, 2007.

SANTOS FILHO, J.I. et al. **Cenários e oportunidades para a produção familiar de suínos: o que há de novo e o que já é possível.** Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2015. 19 p. (Embrapa Suínos e Aves. Documentos, 174).

TALAMINI, D. J. D.; MARTINS, F. M.; PINHEIRO, A.C. A. **Rentabilidade da terminação de suínos no Estado de Santa Catarina.** Embrapa: Concórdia, 2005. Comunicado Técnico 404. Disponível em: <www.cnpsa.embrapa.br>. Acesso em: 15 out. 2017.

TRENNEPOHL, D.; PAIVA, C. A. N.. **Contribuição potencial de atividades agropecuárias selecionadas para o desenvolvimento regional do Noroeste gaúcho.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 8, n. 1, 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PRODUTORES DE SUÍNOS INDEPENDENTES DA MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE

DATA...../...../..... MUNICÍPIO:..... LOCALIDADE:.....

COORDENADAS:

ENTREVISTADOR(a):.....

Informações do Produtor:

Nome:..... Idade:.....

Estado Civil..... Escolaridade.....

Possui Filhos: () Sim; Quantos:..... () Não

Informações da Propriedade

Tamanho da Propriedade:.....

Dentre as atividades a seguir enumere as em relação a geração de renda na propriedade.

- | | |
|----------------------------|----------------------------|
| () Grãos; Quais..... | () Suinocultura |
| () Bovinocultura de Leite | () Bovinocultura de Corte |
| () Avicultura | () Aquicultura |
| () Horticultura | () Fruticultura |
| () Outros..... | |

Existem outras fontes de renda, que não sejam da propriedade?

() Sim; Quais?.....

() Não.

Renda mensal aproximada de todas as atividades (incluindo as externas caso existirem)?.....

Mão de obra existente na propriedade

- () Só Familiar (pais e filhos)
- () Apenas os pais (filhos já não moram mais na propriedade ou trabalham fora)
- () Família e empregados; Quantos?
- () Só empregados; Quantos?.....
- () Outras situação;

Explique:.....

.....

Identificação e Caracterização da Suinocultura Independente

UPL Ciclo Completo Terminação

Há quanto tempo trabalham na atividade?.....

Quem da família trabalha na atividade?.....

Contratam mão de obra especifica para a atividade?

Sim Não

Quantos funcionários?.....

São trabalhadores permanentes ou temporários?.....

Qual é o valor médio pago a estes trabalhadores (salário fixo)?.....

Estes funcionários recebem gratificação por produção?..... Caso positivo qual o valor?.....

Esta mão de obra é especializada para a produção de suínos? Sim Não

Qual é a renda mensal aproximada gerada pela atividade?

.....

Quanto a renda mensal da suinocultura representa do total da renda da propriedade ou da família?

Cerca de%

Quanto da área em hectares da propriedade é destinada a produção de suínos?

.....

Quais os motivos para desenvolver esta atividade?

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Houve melhorias, alterações ou adequações tanto em estrutura como em treinamentos e qualificação dos funcionários com os passar do tempo na atividade?

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Se não houve melhorias, quais os motivos da falta de investimentos?

.....

Da produção

Total de Matrizes alojadas.....

Taxa de reposição:.....

Tamanho médio das leitegadas?.....

Taxa de Mortalidade de leitões em maternidade?

Quantidade de leitões desmamados fêmea ano (DFA)?.....

Média de peso dos leitões ao desmame?.....

Taxa de mortalidade na Creche?.....

Taxa de mortalidade na Terminação?.....

Número de lotes realizados ao ano?.....

Quantidade de animais terminados ao ano?.....

Peso de abate?

Principais compradores de sua produção?

.....

Em relação a reprodução das matrizes, como o senhor procede?

() Monta natural () Inseminação Artificial (Compra sêmen de centrais)

() Inseminação Artificial (Utiliza sêmen coletado na própria propriedade)

() Outro meio. Qual?.....

- Você considera que alguma atividade sua subsidie a suinocultura em alguns momentos?
- Possui algum outro elo da cadeia da carne suína? (Lavoura, Frigorífico, Transportadora, Boutique de carnes/Açougue)
- Este outro elo, atende de forma total as necessidades da granja? (Ex: abate toda a produção, fornece milho para toda a produção...)

- Possui algum tipo de contrato de fornecimento de matéria prima? Se sim, pode nos detalhar melhor como funciona?
- Quais são os alimentos utilizados na nutrição dos animais? Fabrica a própria ração? É comprada pronta? Utiliza outro meio não convencional de nutrição? Caso utilize alimentação convencional (milho e farelo de soja) em épocas de altas destas matérias primas, quais são as suas estratégias para manter os custos de produção os mais baixos possíveis?
- Em épocas de baixas dos preços dos suínos e alta nos custos de produção, o senhor deixa de realizar algum tipo de manejo nos animais? (Exemplo aplicação de ferro e vitaminas nos leitões)
- Se tratando dos dejetos produzidos com a produção de suínos, qual é o destino utilizado em sua propriedade? Utiliza o sistema de biodigestores? O senhor visualiza uma oportunidade de obtenção de renda em sua propriedade através do manejo e aproveitamento dos dejetos?
- Em relação a venda dos animais, o senhor possui algum contrato de fornecimento com alguma empresa ou exerce sua opção de venda para o mercado que melhor está pagando no momento?
- Utiliza contratos futuros de compra de MP ou de venda de leitões? Justifique o uso ou não dessa ferramenta
- Explique melhor suas estratégias para otimizar os seus ganhos com a venda dos animais de sua propriedade.
- Quais os meios de comunicação que o senhor se atualiza quanto aos preços do suíno no mercado?
- Como funciona esse processo de negociação da comercialização?
- O senhor recebe feedback do frigorífico quanto a qualidade do seu produto?
- Participa de alguma associação ou organização de comercialização que possa beneficiar sua comercialização? (Reuniões de bolsa de comercialização)
- Se as circunstâncias lhe obrigassem a trabalhar de forma integrada a alguma cooperativa ou empresa do setor, o senhor continuaria na atividade?
- Em seu ponto de vista quais são as vantagens e desvantagens de ser produtor independente?
- O senhor considera mais alguma estratégia importante utilizada pelo suinocultor independente que não tenha sido abordada nesta entrevista?
- De que forma o senhor vê a atuação da ACSURS para a atividade suinícola independente?